



Formando profissionais de verdade

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA

FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FATECS

ROGÉRIO BRANDÃO DE CARVALHO

**VER TV: O PROGRAMA QUE DEBATE A ÉTICA E A
DEMOCRATIZAÇÃO NA TELEVISÃO BRASILEIRA**

Brasília
2009

ROGÉRIO BRANDÃO DE CARVALHO

**VER TV: O PROGRAMA QUE DEBATE A ÉTICA E A
DEMOCRATIZAÇÃO NA TELEVISÃO BRASILEIRA**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof. Orientador: Fernando Braga, MSc

Brasília
2009

ROGÉRIO BRANDÃO DE CARVALHO

VER TV: O PROGRAMA QUE DEBATE A ÉTICA E A DEMOCRATIZAÇÃO NA TELEVISÃO BRASILEIRA

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.
Prof. Orientador: Fernando Braga, MsC

Brasília, 29 de junho de 2009

Banca Examinadora

Prof. Fernando Braga
Orientador

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Examinador

Profa Luzia Cristina Giffoni
Examinadora

AGRADECIMENTOS

A Deus pela presença constante em todos os momentos.

A todas as pessoas que me ajudaram ao longo desta segunda graduação, especialmente aos meus pais, irmãos e parentes. E a equipe do programa Ver TV pelo incentivo e a oportunidade para realizar este trabalho.

Ao professor orientador Fernando Braga por sua competência e à professora Letícia Renault pelo apoio.

“A televisão é um invento que permite que você seja entretido na sala por pessoas que você não deixaria entrar em sua casa”.

Davis Frost

RESUMO

O *Ver TV* é o programa que analisa e debate o papel da televisão na sociedade brasileira. Realização da TV Brasil, em parceria com a TV Câmara, com o apoio da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, o programa favorece o espaço democrático de questionamento para a diversidade de temas que possam ser debatidos por críticos da mídia, acadêmicos e profissionais de televisão e contribui para que o telespectador forme sua opinião. Ao analisar a produção semanal, este estudo mostrou a contextualização, o surgimento, o processo de pré e pós-produção, a definição da pauta, o formato e a importância para a sociedade e na programação da Rede Pública de Televisão. Examinou ainda a concepção de como produzir um programa de TV, os estágios de produção, as subdivisões das equipes, os integrantes responsáveis e respectivas funções. Além disso, mostrou também, breve histórico do telejornalismo no Brasil, as subdivisões das equipes, sendo formadas pelas equipes de produção e edição e respectivos integrantes. É importante destacar as contribuições bibliográficas como a do especialista e doutor em comunicação Arlindo Machado e de jornalistas como Guilherme Jorge Rezende, Luciane Bacellar, Olga Curado, Vera Íris Paternostro, entre outros; e dos profissionais de televisão, como Harris Watts e Valter Bonasio, que contribuem para visualizar o processo de produção do Ver TV. E, por fim, à título de ilustração, a entrevista com o apresentador Laurindo Lalo Leal Filho, o gerente do Núcleo de Programas Especiais da Empresa Brasil de Comunicação, Vinicius Dória, e o coordenador do *site* Ética na TV, Augustino Veit, que relatam as concepções sobre o programa. Ao longo deste trabalho, pôde-se concluir o modo de produção do Ver TV e verificar a falta de comprometimento por parte de algumas emissoras comerciais em não produzir programas de qualidade que estejam a serviço dos valores como cidadania, educação, cultura e informação. Essa é uma das características do Ver TV: servir como instrumento de combate à programação oferecida e aos conteúdos veiculados nessas emissoras, que muitas vezes violam e desrespeitam os direitos dos telespectadores.

Palavras-chave: Programa de televisão, análise. Ver TV. Televisão, aspectos sociais. TV Brasil. TV Câmara.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 TELEJORNALISMO	11
1.2 A equipe do telejornal	13
2 CONCEPÇÃO DO PROGRAMA DE TELEVISÃO	14
3 A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL.....	20
3.1 Pré-produção e seus componentes	20
3.2 Pós-produção e seus componentes	20
3.3 Concepção técnica do Ver TV	23
4 VER TV	26
4.1 Preparando o programa Ver TV	29
5 ENTREVISTA NA TELEVISÃO.....	35
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE - ENTREVISTA COM OS REALIZADORES DO VER TV.....	47
ANEXO A – A ESTRUTURA DO TELEJORNALISMO	50
ANEXO B – COMPOSIÇÃO DO CENÁRIO DO PROGRAMA	51
ANEXO C – REPORTAGEM DE ESTREIA DO VER TV.....	52
ANEXO D – ALGUNS TEMAS ABORDADOS NO VER TV EM 2008.....	54
ANEXO E – RANKING DOS PROGRAMAS MAIS COMENTADOS EM 2008	56
ANEXO F– REPORTAGEM DA REVISTA VEJA: NIVELOU POR BAIO	58
ANEXO G – REPORTAGEM DA REVISTA VEJA: PESADELO INFANTIL	59

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o prosseguimento da monografia realizada nesta instituição, no 1º semestre de 2005, intitulada: “*A produção do programa de televisão Diálogo Brasil*”, para conclusão do curso de bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda.

Para concluir esta segunda habilitação, agora em Jornalismo, dedico esta pesquisa a uma análise do processo de produção do programa Ver TV, uma realização da TV Câmara em parceria com a TV Brasil, com o apoio da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. O Ver TV é exibido semanalmente nas quintas-feiras, às 22h30 na TV Câmara e aos domingos, às 19h na TV Brasil, com duração de uma hora e reapresentado ao longo da semana, em vários horários. A classificação indicativa do programa é livre, e destinado a quem gosta de televisão.

O Ver TV é o espaço reservado para debater o papel da televisão na sociedade brasileira e conta com a participação de três convidados que discutem um determinado aspecto da TV. Apresentado pelo jornalista, sociólogo e pesquisador da área de políticas de Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) Laurindo Lalo Leal Filho, o programa caracteriza-se pela diversidade de temas dedicados à discussão da própria televisão, com o objetivo de abranger questões como a democratização da comunicação e a ética na televisão. Desta forma, acompanhar a produção semanal do Ver TV e obter informações relevantes é uma forma de mostrar como está estruturado o programa.

A escolha do tema é relevante em razão do grande interesse e curiosidade sobre determinados mecanismos de produção e pós-produção do Ver TV que cumpre o papel de analisar a própria televisão. Por isso, é importante estudar e conhecer algumas técnicas utilizadas pelos diretores, jornalistas e produtores. O fato de ser o segundo programa da televisão brasileira, a exemplo do Observatório da Imprensa da TV Brasil, com o propósito de estabelecer o compromisso do papel fundamental de levar discussões que a TV aberta não propõe, o Ver TV, coloca em discussão as funções da televisão, a programação e as questões éticas de uma TV de qualidade, comprometida com a cidadania.

A pesquisa está organizada em cinco capítulos: o primeiro situa o leitor, com um breve histórico do telejornalismo, as subdivisões das equipes e integrantes responsáveis. O segundo capítulo trata da concepção de como produzir um programa de televisão, os estúdios

da produção, as subdivisões das equipes, os integrantes responsáveis, com respectivas funções.

O terceiro capítulo visa entender as etapas da realização de um programa de televisão, a formação das equipes de pré-produção e pós-produção, seus componentes e a concepção técnica dos integrantes do Ver TV. O quarto capítulo é dedicado à contextualização do Ver TV. Explica o surgimento, suas inovações, a produção semanal e o seu formato. Além de mostrar a importância das equipes de pré e pós-produção, no processo da construção de um programa de televisão.

Por fim, o quinto e último capítulo demonstra a importância da entrevista na televisão, sendo um meio de apuração jornalística. Além disso, explica também procedimentos de como elaborar, conduzir e o papel do entrevistador. A título de ilustração no apêndice, a realização da entrevista com o apresentador Laurindo Filho, o gerente do Núcleo de Programas Especiais da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), Vinicius Dória, e o coordenador do *site* Ética na TV, Augustino Veit, que mostram as suas concepções sobre o Ver TV.

Desta forma, o programa poderá ser compreendido tanto como um produto de telejornalismo, como um programa de televisão que cumpre seu papel social de informar, esclarecer e colaborar como meio de prestação de serviço e tornar o telespectador mais exigente e crítico em relação ao nível de conteúdo dos programas e à qualidade da programação de cada veículo televisivo.

O objetivo deste trabalho foi analisar e compreender o processo de produção de um programa de televisão desde sua idéia inicial, ou seja, do processo de pré-produção, até a finalização na pós-produção. Para isso, foi preciso estudar as técnicas de produção audiovisual e de telejornalismo, no campo da literatura especializada.

Essa pesquisa resultou no estudo de caso da produção do programa semanal Ver TV, que discute o papel da televisão brasileira na sociedade, com a participação de especialistas e convidados. Desta forma, o programa tem o papel de gerar um questionamento de tal forma que o telespectador possa incomodar com a forma exposta pelos canais que não cumprem o compromisso de incentivar a cidadania e não apóiam uma programação totalmente positiva, ou seja, de qualidade.

O objetivo deste esforço acadêmico foi observar o programa Ver TV, verificando sua produção diária, o processo de pré e pós-produção, a sua rotina de trabalho. Adquirir

conhecimentos sobre a parte técnica, entender a estrutura de roteiro, a linguagem, a pauta e todos os aspectos que importam na realização de um programa de televisão.

Conhecer as teorias e os conceitos de especialistas em telejornalismo funcionou como auxílio para o entendimento de termos técnicos provenientes da linguagem jornalística de televisão, além de entender como é a estrutura formada por duas partes: produção e edição.

Observar em campo a produção semanal do Ver TV, facilita a compreensão das etapas de como produzir um programa de debate e o papel dos integrantes envolvidos nas equipes de pré e pós-produção com suas respectivas funções. Esse convívio mais próximo com o objeto de estudo, funciona como análise entre o modo de produção e a teoria dos especialistas em produção audiovisual. Além disso, foi possível verificar a forma como é discutida a pauta, a abordagem em cada bloco e a qualidade do conteúdo exposto no programa televisivo.

Para isso, interessa, ao seu final, compreender como se faz um programa de televisão, com enfoque jornalístico, que discute os temas relevantes sobre o papel da televisão brasileira na sociedade, com a participação de jornalistas, especialistas e convidados.

Este trabalho consistiu em uma pesquisa de abordagem explicativa, buscando esclarecer que fatores contribuem de alguma forma, para o desenvolvimento do programa, realizado sob a forma de estudo de caso.

A análise mais aprofundada do método do estudo de caso revela, além da sua riqueza de possibilidades de pesquisa, um traço distintivo inerente à sua aplicação que é a capacidade de compartilhar conhecimentos. Visando à descoberta, o pesquisador trabalha com o pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado, mas que está sempre em construção e por isso faz parte de sua função indagar e buscar novas respostas ao longo da investigação. (DUARTE, 2005, p.253)

A observação em campo é o estudo mais adequado para a investigação do processo de produção do programa semanal Ver TV. Esse método facilitou a compreensão de técnicas utilizadas pelos produtores, diretores e jornalistas. Para isso, o convívio com esses profissionais de televisão foi necessário para a eliminação das dúvidas e apreensão de novas técnicas.

Segundo GIL (1996, p.60), a pesquisa bibliográfica, como qualquer outra modalidade de pesquisa, inicia-se com a escolha de um tema. Essa escolha constitui

importante passo na elaboração de uma pesquisa bibliográfica, que finaliza com a formulação de um problema ou sugestão.

Para realizar este estudo, foi necessária pesquisa bibliográfica referente aos assuntos como produção audiovisual e as técnicas utilizadas no telejornalismo. A importância das obras de especialistas como Harris Watts e Valter Bonasio complementam a forma de como produzir um programa de televisão. Além disso, a contribuição do especialista e doutor em comunicação Arlindo Machado e de jornalistas que atuam no telejornalismo, tais como Alfredo Júnior, Guilherme Jorge Rezende, Heródoto Barbeiro, Isabel Travancas, Luciene Bacellar, Luciana Bistane, Nilson Lage, Olga Curado, Paulo Rodolfo de Lima, Pedro Maciel e Vera Íris Paternostro, contribuem para o exercício de análise do programa Ver TV.

Após delimitar o objeto de estudo, aplicaram-se as teorias de especialistas que trabalham com televisão para complementar a pesquisa. Com isso, foi possível verificar que a equipe de produção do Ver TV adota algumas teorias baseadas nos conceitos de como fazer televisão.

Segundo Costa (2001, p.39) “no estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo”.

O interesse em realizar um estudo de campo, provém da observação direta das etapas de produção e de focalizar o grupo de entrevistados - integrantes do Ver TV com o objetivo de captar explicações sobre métodos, técnicas, curiosidades, de como produzir um programa de debate.

A entrevista é um instrumento de coleta de dados, aplicado quando se quer atingir um número restrito de indivíduos. Sua grande vantagem é a interação entre o pesquisador e o entrevistado. (COSTA, 2001, p.39).

Considerada uma boa prática de coleta de dados, a entrevista de forma aberta e não estruturada, na qual não há um formulário, com as perguntas feitas à medida que a conversa vai transcorrendo com os principais integrantes na formação do Ver TV, o apresentador Laurindo Filho, o gerente do Núcleo de Programas Especiais da Empresa Brasil de Comunicação, Vinicius Dória, e o coordenador do *site* Ética na TV, Augustino Veit, mostram as suas concepções sobre o programa, suas técnicas e sua importância para a sociedade e na programação da rede pública de televisão. Por isso, a finalidade da entrevista, neste trabalho, foi compreender o processo de produção do programa.

1 TELEJORNALISMO

A televisão brasileira foi inaugurada oficialmente no dia 18 de setembro de 1950, em estúdios precariamente instalados em São Paulo, com o pioneirismo do jornalista Assis Chateaubriand. No dia seguinte, ocorreu a implantação da primeira emissora na capital paulista pertencente ao Grupo dos Diários Associados, a PRF-3-TV, desde então, batizada como Rede Tupi.

O telejornalismo no Brasil ganhou espaço com o primeiro programa jornalístico *Imagens do Dia* e tinha como âncora Luiz Resende, que narrava os fatos por meio das matérias dos jornais impressos Diários de São Paulo e Diário da Noite, ambos do grupo Diários Associados e exibia ilustrações por meio de filmes e fotos. Apresentado diariamente às 21h, na Rede Tupi, o telejornal permaneceu durante dois anos na grade da emissora. Nessa época, não havia profissionais especializados em televisão, apenas do rádio. No entanto, as matérias eram lidas pelo apresentador que se utilizava a locução do estilo radiofônico.

Segundo Sérgio Mattos (2002, p.49) “ao contrário da televisão norte-americana, que se desenvolveu apoiando-se na forte indústria cinematográfica, a brasileira teve de se submeter à influência do rádio, utilizando sua estrutura e o mesmo formato de programação”.

O rádio e a televisão, principalmente, foram utilizados pelos militares para promover a nova ordem social e desenvolvimento. O regime utilizou a mídia eletrônica a fim de construir o espírito nacional, baseado na preservação das crenças, culturas e valores. Foi também, por meio da mídia que as aspirações e conceitos de desenvolvimento, paz e integridade do regime de exceção foram impostos à população brasileira. A fim de que suas mensagens atingissem a população inteira e que esta prova de modernidade, a televisão, pudesse se expandir no território nacional, os governos militares investiram no melhoramento das condições técnicas e operacionais das telecomunicações. Além disso, a televisão se tornou o meio de maior penetração da sociedade e, conseqüentemente, recebe a maior parte dos investimentos publicitários.

Pode-se entender o telejornal como o meio mais simples, cômodo, econômico e acessível para conhecer e compreender tudo o que acontece na realidade e como se transforma a sociedade. A definição, aparentemente simples, esconde uma complexidade. O pressuposto é de que a informação televisiva seja um bem público. (EURICO JÚNIOR, 2009, p.88)

A principal inovação técnica na década de 1950, à disposição do telejornalismo brasileiro, foi o uso da câmera de filmar de 16 milímetros. Sem som direto, não bastou para

atenuar a influencia da linguagem radiofônica sobre os telejornais e com isso, caracterizava-se pelo aproveitamento insatisfatório do seu potencial informativo mais expressivo: a imagem.

A televisão opera, com uma intensidade maior do que qualquer outro veículo, uma “relação direta e imediata” com o vivenciado. Dessa maneira, cumpre ao extremo das possibilidades a função referencial própria da narrativa jornalística, ao transportar para a casa do telespectador as imagens do acontecimento acompanhadas dos comentários verbais que as esclarecem. (SAMPAIO, 1971 apud EURICO JÚNIOR, 2000, p. 88)

Uma das características da televisão é a linguagem coloquial, por apresentar um estilo bem próximo da linguagem cotidiana. Por isso, é utilizada por profissionais de televisão. O jornalista ao escrever uma matéria ou apresentar o telejornal, deve lembrar que está contando uma história para alguém, de forma clara, objetiva, direta, informativa, simples e pausada e esse fato deve ser assimilado por milhões de telespectadores.

No telejornalismo, existem três elementos básicos: a imagem, a informação e a emoção. Grande parte da preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado. É importante ressaltar, que a imagem é parte da natureza da televisão, e em telejornalismo é preciso casar imagem e informação. (PATERNOSTRO, 1999, p.72-73)

É importante destacar que a linguagem jornalística na televisão tem um traço específico que a distingue dos demais veículos: a imagem. A força da mensagem icônica é tão grande que, para muitas pessoas, o que a tela mostra é a realidade. No jornalismo de TV, a câmera pode enfatizar ou revelar novos significados que ajudam a esclarecer uma informação.

O telejornal faz parte da programação brasileira cumprindo uma determinação legal. O decreto lei 52.795 de 31.10.1963, é o regulamento dos serviços de radiodifusão, que estipula que as emissoras dediquem cinco por cento do horário da programação diária ao serviço noticioso. Esse programa de notícias tem o intuito de oferecer ao público, informação sobre os fatos da semana, do dia, da hora, do momento.

A notícia é a informação a serviço do público. Ela revela como determinados fatos se passaram, identifica personagens, localiza geograficamente onde ocorrem ou ainda estão acontecendo, descreve as suas circunstâncias, e os situa, num contexto histórico para dar-lhes perspectiva e noções da sua amplitude e dos seus significados. (CURADO, 2002, p. 24)

A informação deve colaborar para produzir nos telespectadores, um sentimento de inclusão social ou política, aumentando a consciência do que acontece no país e no mundo. Essa é missão do telejornal, do programa de notícias e do noticiário: oferecer esclarecimentos sobre os fatos contribuindo para o aperfeiçoamento democrático da sociedade.

1.2 A equipe do telejornal

Colocar um telejornal no ar não é um trabalho simples e fácil. Vários integrantes são responsáveis e para isso, requer a colaboração e o comprometimento de todos da equipe. O que os telespectadores veem é o produto final, em que aparecem apenas os apresentadores e repórteres. Mas, por trás das câmeras, vários profissionais contribuem para que o público assista a um programa jornalístico de qualidade, sem erros e falhas técnicas.

Por isso, o telejornalismo tem uma estrutura formada por duas partes: uma é a **produção**, que envolve repórteres, pauteiros e produtores. Essa divisão, chefiada pelo chefe de reportagem, tem a função de abastecer o veículo de notícias e reportagens. Outra parte é a **edição**, que envolve editores de texto e de imagens. Chefiada pelo chefe de redação, esta divisão tem a função de fazer a finalização, editar as notícias e reportagens trazidas pelos repórteres, dando a elas a forma com que serão entregues aos telespectadores.

Essa estrutura ordena os processos de produção e finalização de notícias na rotina de uma emissora de televisão. Entretanto, não se faz jornalismo em televisão sem o cumprimento de todas as tarefas relacionadas e a correta distribuição de responsabilidades. (VER ANEXO A - Estrutura do telejornalismo)

Segundo Arlindo Machado (2003, p.110) “o telejornal é um programa realizado ao vivo, ainda que utilize material pré-gravado ou de arquivo, e em geral é “fechado” poucos minutos antes de entrar no ar, ainda com as últimas notícias chegando à redação”.

O ritmo do trabalho em televisão é rápido, intenso e a cada dia tem novos desafios. O noticiário televisivo está associado ao fato da televisão estar organizada e apresentada. A finalização do material produzido não pode atrasar porque os telejornais seguem horários rigorosos e a reportagem tem de ficar pronta. Por isso, o jornalista deve tomar as medidas que possam representar facilidade de edição e ganho de tempo na redação. A tendência nas redações é que os repórteres não se limitem mais à reportagem. Estão passando a fazer também a produção e a edição, pois qualquer operação errada na rua vai significar problemas para eles mesmos quando tiverem de editar a matéria na redação.

Desta forma, com base na bibliografia consultada é possível compreender o surgimento do telejornalismo no Brasil, a linguagem, as influências, características e conhecer um pouco a história da televisão brasileira, que faz parte da vida de milhares de brasileiros que buscam cultura, entretenimento e informação.

2 CONCEPÇÃO DO PROGRAMA DE TELEVISÃO

A realização de um programa televisivo é resultado da parceria de todos os profissionais, que se dividem em duas equipes: a **técnica** e a de **produção**. Um trabalho que exige esforço, paciência, conhecimento e muito talento. Fazer televisão é pensar em uma nova maneira de se comunicar com seu público.

A televisão depende da integração de muitas funções, que devem ser executadas e coordenadas perfeitamente. Não importa se o diretor é competente, talentoso e experiente; se ele não tiver uma equipe igualmente competente e principalmente bem entrosada, dificilmente o programa sairá bom. (BONASIO, 2002, p.23)

Por isso, são necessários muitos profissionais para fazer um programa de televisão, como técnicos, operadores, supervisores, colaboradores, além de dois integrantes fundamentais para a execução do processo de produção: o produtor e o diretor. É importante ressaltar que o diretor trabalha do início até o término do programa.

A produção televisiva é formada por quatro estágios. O primeiro é a **pré-produção**, momento em que há reunião com o produtor, diretor, iluminador, cenógrafo, diretor técnico, técnico de áudio, para desenvolver todo o conceito de produção, que inclui objetivos, métodos, formato e organização. Na segunda etapa, acontece o processo de **montagem do estúdio**, que são realizadas nas etapas de construção do cenário, afixação e ajuste de luz, posicionamento das câmeras e montagem de áudio. Na terceira etapa, destina-se a **produção**, sendo fundamental para o programa gravado ou ao vivo. E por fim, a **pós-produção**, em que é feita a edição após a gravação do programa.

Para a realização de um programa de televisão, duas equipes são fundamentais e integram uma série de profissionais que exercem várias funções. São as equipes de **produção** e a **técnica**. A primeira envolve produtor, diretor, diretor de iluminação, cenógrafo e assistentes de produção. Já a equipe técnica, inclui diretor de imagens ou televisão, sonoplasta, operadores de áudio, vídeo, câmera; gerente de palco e outros integrantes operacionais.

A equipe de produção é formada pelos profissionais:

Produtor Executivo é responsável pela viabilização do programa. Por isso, desenvolve o conceito e o roteiro. Aprova as mudanças que aparecem de última hora, e as

escolhas do diretor em relação à luz, ao cenário, assiste todos os ensaios, como se fosse o mais exigente telespectador.

Produtor supervisiona e coordena todas as fases de produção, do roteiro e da pós-produção. Decide juntamente com o diretor do programa e produtor executivo o orçamento e a logística necessária para a realização do programa.

Assistente de Produção responsável pela realização das tarefas do produtor providencia mudanças solicitadas pelo diretor e pelo produtor executivo.

Diretor responsável pela estética do programa. Participa de todas as reuniões de pré-produção. Sua função exige a habilidade de coordenar diversas áreas simultaneamente, executando a produção e supervisionando a edição.

O diretor deve estabelecer um sentimento de cooperação, de trabalho de equipe e de respeito mútuo entre todos os membros da equipe de produção. A responsabilidade básica do diretor é supervisionar a equipe de produção para conseguir transformar a idéia, conceito ou roteiro nos elementos audiovisuais que compõem um programa. (BONASIO, 2002, p.113)

Diretor de Imagens trabalha como consultor do produtor e do diretor. Ensaia as câmeras na pré-produção, opera o *switcher* durante a produção, e é responsável pela qualidade técnica do programa.

Redator/Roteirista desenvolve o roteiro junto com o diretor e produtor do programa. Acompanha as gravações para reescrever possíveis alterações e revisa o roteiro até a aprovação.

Segundo Valter Bonasio (2002, p.33) “escrever para televisão é um processo de equipe no qual indivíduos trabalham juntos para se comunicar com o telespectador. A primeira tarefa do redator é pegar a idéia de um programa e transformá-la em palavras, sons e imagens”.

Iluminador na pós-produção prepara o mapa de iluminação do programa.

Segundo Harris Watts (1990, p.195) “ao se falar de iluminação, não basta dizer que o trabalho do iluminador limita-se a providenciar a luz suficiente para captar a imagem. Também a uma arte, e uma arte muito própria do operador”.

O diretor de iluminação trabalha o roteiro do programa, as informações sobre posicionamento de câmeras, apresentador, convidados, a planta de estúdio, o inventário dos equipamentos disponíveis e desenvolve o mapa de iluminação, que mostra os instrumentos

determinados para cada função, a posição, o balanceamento e a intensidade e, se houver algum efeito especial, seu funcionamento. Nos ensaios, supervisiona toda a colocação dos projetores de luz, monta os efeitos de luz e ajustes necessários para obter o melhor resultado.

Portanto, a maior parte da iluminação de estúdio tem de ser um meio-termo entre as exigências de cada câmera. Por isso, o cenógrafo pode auxiliar na montagem do cenário, o posicionamento da bancada, do apresentador, do entrevistado, tendo em vista, a noção do ponto referencial de iluminação; com o propósito de eliminar os elementos que são possíveis de causar sombras.

Cenógrafo desenvolve ambientes cenográficos e a maneira como serão construídos. É importante destacar que os cenários e a montagem são elementos visuais importantes que contribuem para a dimensão do vídeo. Este profissional consulta o diretor, produtor, iluminador, diretor de fotografia sobre a concepção, supervisiona o pessoal na montagem e construção de cenários.

É importante destacar que as cores utilizadas em cenários têm o intuito de *informar*: o uso simbólico da cor é parte da função de informação que ela tem na composição de um ambiente; *compor*: trazer energia em alguns elementos e a balancear em outros, harmonizando composições; *expressar*: a função da cor faz com que se sinta de determinada forma em relação ao que é apresentado; *dimensionar*: a cor escura parece mais forte quando posicionada contra um fundo escuro; *balancear*: cores altamente saturadas parecem visualmente mais pesadas e mais sólidas que pastel-claro com pouca saturação.

Enquanto na equipe técnica, compõe os seguintes profissionais:

Operador de Câmera em pré-produção prepara as câmeras para a produção. Nos ensaios e produção, opera a câmera, ensaia os movimentos e enquadramentos.

O aspecto mais importante sobre o enquadramento é decidir qual o centro de interesse principal na imagem e, em seguida engradar de tal forma que a visão do espectador seja conduzida para ele. Seu centro principal pode estar no meio da tela, no plano de frente ou no de trás: sua correlação com as outras coisas na imagem, a angulação de câmera, a iluminação, a forma da câmera se movimentar e as coisas também, tudo pode ser usado para dirigir o olhar do telespectador para onde você deseja. (WATTS, 1990, p.229)

A importância do trabalho do operador de câmera resulta também na imparcialidade dos fatos. Esse poder da imagem em “falar” o que está acontecendo. Para isso, essa qualidade utiliza-se de meios técnicos como iluminação, som, angulação, movimento de câmera,

posicionamento das pessoas e coisas, que conduzirão o olhar do público para as coisas importantes na imagem televisiva.

A câmera de televisão é a principal ferramenta usada na captação de imagens, sendo o equipamento básico para a produção de televisão. Para isso, são divididas em duas categorias: *câmeras de estúdio*, montadas em pedestais que permitem o operador movê-las através do estúdio; e *câmeras portáteis*, que não requerem uma unidade de controle de câmera e alimentam o sinal de vídeo diretamente para o videocassete e a maioria possui controles automáticos de ganho que permitem ao operador de câmera cobrir a ação sem se preocupar tanto com o nível de vídeo.

Operador de Áudio responsável pela equipe de áudio faz todos os pré-ajustes na mesa de áudio e o balanço dos microfones. Em produção, é responsável pôr toda a mixagem do áudio do programa.

O som é um aspecto importante na televisão. Além do seu papel como elemento primário na programação de entretenimento, a música é usada para temas de abertura e encerramento, assim, como para música de fundo para ajudar a estabelecer o clima ou a atmosfera do programa. (BONASIO, 2002, p.200)

Os efeitos sonoros são úteis para ajudar a dar forma à dimensão do áudio e destacar a imagem visual. Além disso, a importância da música na abertura deve ser selecionada para prender a atenção e preparar o clima ou tom do programa. A utilização da música de fundo - BG age inconscientemente, não com o intuito de chamar a atenção, o telespectador só percebe que a música está presente no programa quando presta atenção especial nela, que se torna uma referência para o programa.

Operador de Caracteres prepara a parte gráfica necessária para a produção do programa, como definir os créditos: as cores, a velocidade e o tamanho. Na produção, esse profissional opera o gerador de caracteres. Enquanto, na pós-produção, opera o gerador de caracteres e computador gráfico para inserir caracteres e gráficos na edição.

Operador de Vídeo responsável pela busca do melhor alinhamento das câmeras. Esse profissional trabalha com o iluminador/diretor de fotografia, que resolve todos os problemas de luminosidade que afetam a operação da câmera.

Segundo Valter Bonasio (2002, p.25) “em televisão cada vez mais você pode criar uma “realidade” completamente nova, virtual, para os telespectadores. É possível usar certas técnicas para produzir uma realidade na dimensão de vídeo que na verdade não existe”.

Muitos operadores de vídeo utilizam o método *Chroma Key*, um cenário virtual, que facilita a construção de um novo cenário, conforme os interesses do produtor e do diretor do programa. Noções de ângulo, perspectiva, iluminação e tomadas de câmera também modificam a percepção da realidade do telespectador.

As cores na televisão são feitas através de combinações de ajustes das três cores primárias - vermelho, verde e azul. Em diferentes níveis de brilho e matiz é possível produzir qualquer espectro de luz. Enquanto a cor no tubo de imagem consiste em linhas horizontais feitas de pontinhos do tamanho de *pixels*, que são iluminados na face do tubo por um raio eletrônico que passa de um lado ao outro das linhas que compõe a imagem de vídeo.

Editor de Áudio/Vídeo tem grande influencia na comunicação e na qualidade final de um programa.

Na pós-produção, o diretor, juntamente com o editor, controla onde deve ocorrer um corte de imagem ou fala dos personagens. A edição permite refazer vários *takes* – cenas, substituindo uma imagem pela outra; ou sequencias para corrigir erros feitos na produção.

Segundo Valter Bonasio (2002, p.279) “a edição se tornou um elemento tão essencial no processo de produção que é difícil imaginar um programa que não a utiliza de algum modo”.

A edição envolve a seleção e a sequencia das partes de um programa, que contribuem mais efetivamente para esclarecer e intensificar a mensagem. No entanto, o editor tem grande influencia na comunicação, na qualidade final de um programa. Para isso, é preciso ter um entendimento de como melhor usar e de como tirar o melhor resultado que a edição oferece.

Existem dois tipos de sistemas de edição computadorizados: **linear** e **não-linear**.

A edição linear é feita com equipamento em que é preciso rodar a fita para selecionar imagens que serão usadas. Ao contrário da linear, a edição não-linear permite acesso direto às imagens, por utilizar equipamentos digitais em que as cenas são armazenadas em computador. (BISTANE in BACELLAR, 2005, p.133)

Na edição **linear** todo o material é gravado em fita *master* de edição na ordem do começo ao fim. Esse método para ser reeditado, leva mais tempo, e apresenta poucas ferramentas. Enquanto, o sistema de edição **não-linear** permite o acesso irrestrito e imediato a materiais de fonte, podendo encurtar, alongar qualquer *take*, dentro de uma edição pronta, sem alterar o que está decidido; além de facilitar o trabalho do editor em ter a liberdade para manipulação das imagens, textos, gráficos, cortar e colar.

Portanto, o profissional de televisão deve ter uma visão ampla de todo o processo de produção de um programa. Não deve limitar-se apenas à sua função. O trabalho em TV é contínuo e muitas vezes de parceria. É na integração de todos os profissionais envolvidos, que é possível mostrar o trabalho para milhares de telespectadores e assim ter o orgulho do produto final que de alguma forma possa contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

3 A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Compreender as etapas da realização de um programa de televisão e o papel de cada integrante, a partir do universo da produção audiovisual, é essencial para aprimorar o conhecimento na produção televisiva, que requer também organização, comprometimento e interação entre todos os profissionais da equipe. Para isso, este trabalho divide-se em duas equipes: **pré-produção** e **pós-produção**. Buscar referências nas obras de especialistas como Harris Wattis e Valter Bonasio auxiliam na forma de visualizar o processo de como produzir um programa de TV.

3.1 Pré-produção e seus componentes

A pré-produção é formada por uma equipe de profissionais cujas funções são consideradas “criativas”. Entre eles estão: produtor, diretor geral, roteirista, assistente de direção, produtor executivo, redator, gerente de palco, técnico de áudio, cenógrafo, iluminador, artista gráfico, operadores de câmera e de vídeo.

É importante ressaltar que essa fase é a mais importante e mais repleta de atividades para o produtor, quando o conceito do programa é desenvolvido e o método de produção é planejado e organizado.

3.2 Pós-produção e seus componentes

A pós-produção é responsável pela versão final da edição por um *sistema não-linear* sendo feita por um computador equipado com hardware e software que permite digitalizar o áudio e o vídeo e o armazenamento em disk, provendo o editor de acesso quase imediato a todo material gravado.

É importante ressaltar que a equipe da pós-produção é reduzida, porém exerce algumas funções da pré-produção, com atividades diferenciadas. Os principais integrantes são: **produtor** aprova a versão final editada, avaliando o programa para verificar se alcançou o objetivo proposto; **diretor** supervisiona a edição; **assistente de direção** ajuda o diretor na direção, monitorando o tempo, durante a edição; **diretor de imagens** ensaia as câmeras na pré-produção e opera o *switcher* durante a produção; **técnico de áudio** opera a mesa de áudio durante a pós-produção e melhora a qualidade do áudio e o **artista gráfico** providencia gráfico eletrônico para serem adicionados durante a edição.

Nesta etapa, é importante ressaltar que o editor de imagem tem uma grande influência na comunicação e na qualidade final do programa. A edição se tornou um elemento tão essencial no processo de produção, pelo resultado do recurso que a oferece, como inserir efeitos visuais e sonoros, criar ilustrações e vinhetas.

Segundo Valter Bonasio (2002, p. 60) “o processo de produção é 60% de organização e 40% de criatividade. Isso quer dizer que sem habilidade organizacional existe muito pouca chance de conseguir transformar um conceito criativo em um programa de sucesso”.

No processo de produção, a estética aplicada na mídia eletrônica é um fator essencial. Ela é um guia para o produtor e o diretor manipularem imagens para rerepresentar a realidade ou criar uma nova. Portanto, a televisão é uma forma de arte que representa a realidade por meio da visão e da audição.

As dimensões de áudio e vídeo são feitas durante todo o processo de comunicação da televisão. Por isso, essas dimensões constroem um tom apropriado, estabelecem o ambiente desejado e complementam os objetivos do programa; afinal, o objetivo básico de qualquer programa é comunicar idéias e mensagens. No Ver TV, a mesa de áudio fica na sala de controle, sendo operada por um técnico específico, que faz modulação do som e posiciona o microfone de lapela na vestimenta dos convidados. Este tipo de microfone é discreto, potente e muito utilizado em programas de estúdio.

Os cenários e a montagem são elementos visuais importantes que contribuem para a dimensão do vídeo, proporcionando as oportunidades suficientes para o diretor explorar os ângulos de câmera e ainda estabelece o ambiente necessário para aguçar a percepção do telespectador.

O diretor trabalha com três elementos visuais para captação do cenário: **Ângulo da câmera** se divide em dois ângulos: baixo e alto. A primeira impressão que se tem do ângulo baixo é a do sujeito maior, enquanto, que o segundo, faz um sujeito parecer fisicamente menor. Em programas de televisão com enfoque jornalístico não é muito utilizado o ângulo baixo. **Tamanho e conteúdo da tomada** ajudam a estabelecer a ênfase visual. As tomadas abertas apresentam elementos visuais em relacionamento, o que transmite os motivos do impacto emocional nos limites da moldura visual. A ênfase está diretamente relacionada ao tamanho do sujeito na tomada. **Movimento da câmera ou do sujeito** classifica em três principais tipos de movimentos: Primário (sempre ocorre na frente da câmera, tipo de

movimento do apresentador), Secundário (são aqueles em que a câmera ou a lente se movimenta, como ex: zoom) Terciário (conseguido na edição, através do uso de cortes ou fusões).

Na realização do programa Ver TV, esses três elementos visuais são utilizados. Sua estrutura é composta por quatro câmeras de estúdio, sendo duas conversíveis, ou seja, são mais leves, práticas, que podem ser utilizadas na sua configuração portátil, ser conectada à sua unidade de controle de câmera e operada como qualquer câmera de estúdio. Enquanto, as outras duas câmeras, são fixas e adaptadas ao monitor de *teleprompter* que permite o apresentador ler o roteiro e, ao mesmo tempo, manter um contato visual com o telespectador, por meio da câmera de circuito fechado. Por ser um programa de debate, esse monitor é utilizado pelo jornalista Laurindo Filho, apenas na abertura e encerramento do bloco.

As cores utilizadas em um cenário apresentam quatro técnicas que são de extrema importância para o ambiente do programa. Ela pode **informar**: podendo distinguir objetos, apresentando um valor simbólico, que parte da função de informação que ela tem na composição de um ambiente; **compor**: trazer energia em alguns elementos e a balancear em outros, harmonizando composições; **expressar**: fazendo com que nós sintamos de determinada forma o que nos é apresentado; **dimensionar**: uma cor escura contra um fundo brilhante parece menor do que é na realidade, enquanto as cores quentes parecem ser maiores e estar fisicamente mais próximas que cores frias; **balancear**: separar as cores neutras que não vão interferir com os níveis de cor. Em televisão, é preciso evitar cores saturadas, pois parecem visualmente mais pesadas e mais sólidas.

O cenário do Ver TV é branco, com listas verticais nas cores cinza claro vermelha, roxa, amarela, azul claro e escuro, verde e preto, que remetem ao *color bar*, ou seja, as barras de oito cores diferentes, usadas para balancear as câmeras de estúdio e permite a definição das cores na qualidade de imagem. Imagens da cultura brasileira na tonalidade preta e branca estão expostas, com o objetivo de mostrar a riqueza da diversidade cultural do país. Além disso, o programa conta com quatro poltronas brancas, sendo três para convidados e uma para o apresentador; o plasma em que são transmitidas as reportagens e o tapete vermelho redondo. Segundo o gerente do Núcleo de programas da TV Brasil, Vinicius Dória, a mudança da bancada que integrava o primeiro formato do programa, para as atuais poltronas é uma forma de tornar o programa mais leve, dinâmico e sair do padrão dos programas jornalísticos que temos na TV. (VER ANEXO B – Composição do cenário do Ver TV).

A intensidade das cores e de seus movimentos atinge aspectos estéticos e psicológicos, conseguindo reações desejadas no programa Ver TV. Por isso, a finalidade da iluminação de manipular e articular a percepção do ambiente, pois a imagem da televisão é processada através da luz. A iluminação do Ver TV é controlada por um controle de luz, tanto na sua intensidade como na sua distribuição. O controle se dá através de telas, difusores, potência e distância da lâmpada, tipo de aparelho e refletores. Adicionada pelo computador, que tem sido muito útil para os iluminadores e diretores de fotografia, permite montar e controlar uma complexa operação de iluminação. Esse sistema define a capacidade da luz, de acordo com o cenário, pois em cada página é gravada o controle de iluminação de todos os programas que são gravados no estúdio.

3.3 Concepção técnica do Ver TV

Antes do horário previsto da gravação do programa Ver TV, ainda no turno da manhã, os adereços do cenário começam a ser montados no auditório da TV Câmara, pelo cenógrafo com o apoio de vários técnicos de estúdio, para a gravação que será realizada às 16h. No início da tarde, uma hora antes do horário da gravação, a equipe operacional responsável pelo programa está presente. Técnico de áudio, auxiliares de estúdio, operadores de câmeras, operadores de VT, caracteres (GC), *teleprompter*, iluminador e diretor de TV entre outros, já começam a fazer os primeiros testes. Os posicionamentos das câmeras são feitos pelos operadores de câmeras, sob o comando do diretor de TV, que as posicionam em determinado ângulo, para estarem direcionadas a captar determinados enquadramentos.

Com os convidados no estúdio, o técnico de áudio posiciona os microfones de lapela e faz os testes com os convidados. Antes da gravação do Ver TV, a diretora do programa Alessandra Esteves confere as páginas do *script* e do espelho e distribui a todos que estão envolvidos na gravação. Enquanto isso, o apresentador do programa Laurindo Leal faz os primeiros testes pelo *teleprompter*, lendo a abertura, a apresentação dos convidados, e a passagens de blocos do programa e as primeiras páginas do *script*.

Segundo Heródoto Barbeiro (2002, p.197) “o *script* é a lauda do telejornalismo. Possui características especiais e espaços que devem ser obedecidos na operação do telejornal. Em emissoras informatizadas, o mesmo formato de *script* foi criado nos terminais para serem escritos textos e matérias”.

Está tudo pronto. Créditos com os nomes e funções dos convidados estão conferidos e programados para entrarem no vídeo. Os textos, que incluem a abertura e as

passagens de blocos, que serão lidos pelo apresentador Laurindo Leal estão no sistema *teleprompter*. Começa a gravação do Ver TV.

Na pré-produção há um espaço reservado para a monitoração do programa, conhecida como *switcher* onde reúne uma série de profissionais, como diretores de TV e do programa, coordenadores, operadores de VT, áudio, *teleprompter*.

Segundo Luciane Bistane (2005, p.137) “o *switcher* é a sala de controle com mesa de corte. É de onde o diretor de TV e o editor-chefe coordenam as entradas das matérias, dos links e o movimento das câmeras do estúdio”.

O diretor de TV, ao lado da diretora do programa, Alessandra Esteves, faz os cortes da gravação do programa, por meio da mesa de corte. Cortar o programa significa passar de uma câmera para outra. Ele orienta por meio do *intercom*, sistema que estabelece uma intercomunicação pelo microfone que fica na mesa de operações, as câmeras de estúdio, que recebem instruções por meio de um fone, sobre o plano de enquadramento preestabelecido e à sequência do *script*. É importante ressaltar que todos os técnicos responsáveis devem estar com o *script* e espelho na mão, pois este é o roteiro que vai guiar os procedimentos de cada função no decorrer da gravação do Ver TV.

Segundo Luciane Bistane (2005, p. 135) “o espelho é a previsão do que será o jornal, com a ordem de entrada das matérias e o tempo estipulado para cada uma delas. Ajuda a equipe a visualizar o conjunto da obra e o editor-chefe a não estourar o tempo previsto para o jornal”.

O gerente do Núcleo de Programas Especiais da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), Vinicius Dória, acompanha o programa pelo monitor de vídeo ao lado do diretor de TV e da diretora do programa, Alessandra Esteves, com o *script* e *espelho* do programa. Ela controla o tempo; faz uma comunicação direta pelo sistema de *intercom* que estabelece uma intercomunicação pelo microfone que fica na mesa de operações e orienta o apresentador Laurindo Filho, durante a gravação no estúdio, por meio do ponto eletrônico, sendo este um receptor de áudio colocado dentro do ouvido do apresentador, com o intuito de alertar sobre a entrada do VT, integrar o convidado no debate e expor novas perguntas. Durante os três blocos, Vinicius Dória enfatiza e levanta questões, de acordo com o andamento do debate entre os convidados. Todos os questionamentos são repassados pela diretora que orienta Laurindo a abordar as questões.

Uma vez que tudo acontece tão rapidamente durante a produção, o diretor deve se comunicar com sua equipe de forma precisa, rápida e eficiente, por isso foi criada uma nomenclatura que simplificasse e agilizasse a comunicação entre diretor e os operadores de câmera. (BONASIO, 2002, p.86)

Dessa forma, a comunicação passa a ser simultânea com todos os membros do elenco e da equipe que estão usando os fones de ouvido. Enquanto, o operador de áudio faz os pré-ajustes na mesa de áudio e dos microfones de todos os integrantes; o assistente de operação é responsável pela montagem de todos os créditos do vídeo, como nomes dos convidados, contato da produção e e-mail, que vão entrar ao longo do programa Ver TV. Para isso, a diretora do programa encaminha o *script* e espelho para todos os envolvidos na gravação.

As rotinas de trabalho desses profissionais começam com muita antecedência. O Ver TV é gravado no auditório da TV Câmara, local em que serve também como estúdio para os programas Comitê de Imprensa, Expressão Nacional, Câmara Ligada entre outros.

Quando finaliza a gravação do programa Ver TV, os trabalhos no estúdio não param. Uma equipe formada por maquinistas e outros profissionais técnicos desmontam o cenário e, ao mesmo tempo, todos os adereços são levados para o almoxarifado.

Portanto, entender televisão é conhecer suas capacidades e limitações, técnicas e equipamentos. Esse meio de comunicação é uma mistura de arte com ciência, e todos os profissionais integrados têm um componente de criatividade a ser aplicado por intermédio dos equipamentos ou de suas áreas.

4 VER TV

No dia 16 de fevereiro de 2006, estreou o *Ver TV*, o programa que analisa e debate a programação da televisão brasileira. Produzido pela TV Brasil em parceria com a TV Câmara e o apoio da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, o programa é apresentado pelo jornalista, sociólogo, pesquisador da área de políticas de Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), Laurindo Lalo Leal Filho que recebe semanalmente três convidados e discutem um determinado aspecto da televisão, com o objetivo de tornar o telespectador mais crítico em relação ao conteúdo da programação oferecida pelas emissoras de TV. Exibido nas emissoras TV Câmara, nas quintas-feiras, às 22h30 e na TV Brasil, aos domingos, às 19h, com duração de uma hora e reapresentado ao longo da semana, em vários horários, o Ver TV atende a classificação indicativa livre, destinado a quem gosta de televisão. (VER ANEXO C – Reportagem da estreia do programa).

Durante os três anos de realização do Ver TV, foram exibidos cerca de cento e cinquenta programas com o intuito de debater vários aspectos do universo televisivo. Temas como a mulher na mídia; os *reality shows*; a cobertura jornalística no caso Isabela Nardoni, a publicidade de bebidas alcoólicas na televisão; as telenovelas; a violência na TV; a diversidade sexual na TV; a programação de domingo; a relação entre os deficientes e a TV; o papel do negro da televisão brasileira; a TV e economia; a relação do Ibope com a programação exibida; entre outros assuntos. Para comemorar o sucesso do programa, a cada ano completado é feito uma edição especial, para destacar a sua importância.

O Ver TV é fruto da discussão da campanha “Quem financia a baixaria é contra a cidadania”, que defende a valorização dos direitos humanos na televisão. Realizada pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, em parceria com entidades da sociedade civil como o Conselho Federal de Psicologia e a Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE) destinada a promover o respeito aos direitos humanos e à dignidade do cidadão nos programas de televisão. A campanha consiste no acompanhamento permanente da programação da televisão para indicar os programas que de forma sistemática, desrespeitam convenções internacionais assinadas pelo Brasil, princípios constitucionais e legislação em vigor que protegem os direitos humanos e cidadania.

E foi durante a sétima Conferência de Direitos Humanos em 2002, realizada pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, presidida pelo ex-deputado federal Orlando Fantazzini que se iniciou um debate com a sociedade no sentido de buscar,

sensibilizar e responsabilizar quem estava produzindo e reproduzindo preconceitos através de um veículo de comunicação de massa tão poderoso que é a televisão. Então, o grupo de integrantes desta conferência constatou a necessidade de se criar um programa televisivo que discutisse os conteúdos televisivos que não são abordados dentro da TV aberta. Com isso, levantou-se um questionamento: Mas, que tipo de conteúdos? Temas que são de interesse da sociedade civil e que são poucos debatidos, como por exemplo, o papel subalterno do negro na TV, o sensacionalismo dos programas policiais e a influencia da TV na mudança de comportamentos. Daí o surgimento do Ver TV, resultado da necessidade apresentada pela população através de demandas que chegavam à Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados reivindicando que houvesse um programa que discutisse abertamente o papel da televisão, da programação, e do direito à comunicação na construção da cidadania, além do respeito aos direitos humanos.

A expressão televisão de qualidade nem sempre é utilizada no mesmo sentido por todos. Para alguns, ela pode estar servindo apenas o rótulo para designar uma televisão meramente pedagógica, segundo o modelo das televisões estatais oficialmente encarregadas da educação infanto-juvenil, enquanto para as forças mais conservadoras ela pode estar servindo também da bandeira para a defesa de valores moralistas na televisão. (MACHADO, 2003, p.13)

A característica principal do Ver TV é o questionamento aos conteúdos veiculados nas emissoras comerciais, que muitas vezes, violam e desrespeitam os direitos dos telespectadores, como a incitação a violência, o estímulo à erotização infantil, o excesso de cenas de sexo em horários inadequados e o incentivo ao preconceito racial, sexual, religioso e das pessoas com deficiências entre outros. Desta forma, o Ver TV é um instrumento de combate a esse tipo de programação, que não é um conteúdo nem constitucional, nem o desejado e preferido pelos telespectadores brasileiros. Outro aspecto que merece destaque é que o programa divulga em algumas edições, como foi o caso da edição especial dos três anos de realização do programa, o Ranking da campanha “Quem financia a baixaria é contra a cidadania” elaborada com a participação dos telespectadores que está na décima quinta edição. Entre os resultados obtidos pelo *site* Ética na TV, está, em primeiro lugar, o programa Terceiro Tempo, da emissora Bandeirantes, em seguida, o Pânico na TV, da Rede TV e em terceiro, o Superpop da mesma emissora. (VER ANEXO D – Alguns temas abordados no Ver TV).

Na programação das emissoras comerciais é possível perceber a falta de programas que estimulem o debate e a cidadania. Elas deveriam voltar-se aos interesses coletivos da sociedade brasileira e não apenas pautar na concorrência em busca de lucros, pois são concessões públicas, ou seja, o governo autoriza e concede às emissoras de televisão, para que apresentem à população um serviço público de qualidade que promova o crescimento cultural e ofereça alternativas na programação para o lazer e educação dos cidadãos.

Segundo o artigo 221 estabelecido na Constituição Federal de 1988, a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão os seguintes princípios: I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive a sua divulgação; III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em Lei; IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Esse controle social de produzir um programa que atenda os requisitos presentes no artigo 221 é uma forma de evitar que as emissoras fiquem limitadas pela disputa de patrocinadores, não se importando com a qualidade do que é veiculado na programação. No entanto, a televisão é um serviço público, que tem a finalidade de atender aos interesses da sociedade brasileira.

Além da Constituição Federal, existem outros critérios legais como o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Estatuto do Idoso e a Declaração Internacional dos Direitos Humanos que são instrumentos que garantem o respeito aos nossos direitos como telespectadores e que devem ser observados nas programações televisivas.

A televisão é e será aquilo que nós fizemos dela. Nem ela, nem qualquer outro meio, estão predestinados a ser qualquer coisa fixa. Ao decidir o que vamos ver ou fazer na televisão, ao eleger as experiências que vão merecer a nossa atenção e o nosso esforço de interpretação, ao discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos, na verdade, contribuindo para a construção de um conceito e uma prática de televisão. (MACHADO, 2003, p.12)

O Ver TV não é o primeiro programa na televisão brasileira a discutir a forma de como é feita a televisão brasileira e a própria cobertura jornalística televisiva no Brasil, como é o caso do Observatório da Imprensa da TV Brasil, que cumpre um papel complementar ao do Ver TV, que é debater temas ligados especificamente ao jornalismo, e dar voz e vez a quem não tem espaço nas emissoras comerciais, que é o telespectador. Por isso, um dos aspectos que os diferenciam, é o formato do Ver TV que favorece o espaço democrático de

questionamento para a diversidade de temas que possam ser debatidos por críticos da mídia, acadêmicos e profissionais de televisão, e assim, expor pontos de vistas, trocar informações e contribuir para que o telespectador forme sua opinião.

Segundo Emílio Prado (1989, p. 91) “a fórmula mais completa, dinâmica, ágil e atraente de polemizar no rádio ou na televisão é a mesa-redonda. Nela participam representantes de diversos pontos de vista sobre o tema a ser debatido. Os pontos de vista expostos podem ser contrapostos ou complementares”.

As duas emissoras – TV Brasil e TV Câmara, responsáveis pelo Ver TV acreditam que estão colaborando para o ambiente mais plural e democrático na comunicação, pois esse debate de promover o debate na TV aberta é o papel da TV estatal. Com a diversidade de opiniões, o programa é divulgado no site da campanha “Quem financia a baixaria é contra a cidadania”- www.eticanatv.org.br; na programação da Rádio e TV Câmara e ganha espaço também nos sites da Empresa Brasil de Comunicação, das emissoras públicas dos estados, rádios e TVs comunitárias. No site da TV Câmara, www.camara.gov.br/tv, o telespectador tem acesso à sinopse, de fazer o *download* e assistir o programa. Ao final do Ver TV, são anunciados dois meios de contatos com a produção. O telespectador pode encaminhar sugestões e críticas pelo e-mail: vertv@tvbrasil.org.br ou ligar na central de atendimento ao telespectador do Disque Câmara pelo número 0800.619.619. A equipe do programa é dividida nas duas emissoras. Na TV Câmara, fica a produção, o estúdio e técnicos operacionais, como câmeras de estúdio, diretor de TV; e na TV Brasil, a diretora, a produção, o apresentador e o gerente do Núcleo de programas da Empresa Brasil de Comunicação.

4.1 Preparando o programa Ver TV

A produção semanal do programa Ver TV começa com a reunião de pauta com todos dos integrantes da equipe, após a gravação do último programa. Inclui a participação da diretora do programa, Alessandra Esteves, do gerente do Núcleo de Programas Especiais da TV Brasil, Vinicius Dória, do apresentador Laurindo Filho, do coordenador do Núcleo de programas da TV Câmara, Cláuder Diniz e da produtora Joana Praia, da TV Câmara.

Esse é o momento para avaliar o último programa que foi gravado e com isso, verificar as sugestões de temas feitos pelos telespectadores, por meio do e-mail ou pela central

de atendimento ao telespectador. O programa recebe semanalmente várias sugestões e muitas são aproveitadas, como a violência na TV e na novela; o caso Eloá; a diversidade sexual na TV entre outras. Com base nisso, todos os integrantes da equipe sugerem, discutem as pautas e ouvem novas sugestões. (VER ANEXO E – Ranking dos programas mais comentados em 2008).

As pautas do programa são pensadas através de algum fato que está sendo debatido na mídia, por exemplo, foi exibido dia 6 de novembro de 2008, o Ver TV para debater a cobertura jornalística do caso Eloá na TV. O programa contou com a participação do presidente do IETV - Instituto de Estudos de Televisão, Nelson Hoineff; da jornalista responsável pelo Portal Imprensa, Thais Naldoni, e o diretor de comunicação da Polícia Civil do Distrito Federal Miguel Lucena. Entre alguns pontos debatidos foram: Até onde vai o limite ético da cobertura de casos de sequestros? E a guerra pela audiência justifica o espaço dado a criminosos? Outra possibilidade da realização da pauta, é que tenha a ver com o atual momento da televisão brasileira, como exemplo, foi exibido na semana do carnaval deste ano, o programa que analisa a cobertura televisiva do carnaval brasileiro. Participaram do programa, a jornalista Maria Luiza Busse; o carnavalesco Rony Pala e o produtor cultural, Sérgio Valença, que debateram alguns aspectos como o apelo sexualidade nas telas da TV, as letras de duplo sentido e a viabilização das emissoras que impõem alguns padrões da cobertura.

Segundo Emílio Prado (1989, p.91-92), “o jornalista tem um papel fundamental na mesa-redonda. Em primeiro lugar selecionando aqueles personagens mais representativos, que tenham mais informação e por sua vez tragam maior interesse à mesa-redonda”.

Este gênero usado em programas de debates exige um conhecimento profundo do tema por parte do mediador. Ao contrário, corre-se o risco de acabar a mesa-redonda sem se tratar o tema proposto pelo diretor do programa. O gerente do núcleo de programas da TV Brasil, Vinicius Dória, orienta o apresentador Laurindo Filho sobre a abordagem a ser feita em cada bloco.

Na reunião de pauta são sugeridos nomes de possíveis personalidades que poderiam render boas discussões sobre o determinado tema. A maioria dos convidados é profissional de televisão, especialistas e críticos da mídia. Mas, isso não impede a possibilidade de chamar os acadêmicos, ou seja, professores e universitários que tenham trabalhos relativos ao tema a ser debatido. Desta forma, a produção do programa é responsável por estabelecer contatos e

fechar participações. Se os principais convidados não se disponibilizam a falar do assunto, cabe à direção do programa mudar o tema proposto.

O programa Ver TV é formado por três blocos, sendo que em cada bloco são inseridos *mts* de reportagens, produzidos pela equipe da TV Brasil para ilustrar o que será exposto no programa. Para a direção do Ver TV, a idéia de inserir reportagens é uma forma de tornar o programa mais dinâmico e com isso, ouvir cidadãos e representantes da sociedade civil sobre o que eles pensam sobre determinado assunto e a forma de como o fato é mostrado na televisão. Esses depoimentos são necessários para enriquecer a discussão no estúdio e ajudam a explorar melhor o tema.

Segundo Emílio Prado (1989, p.91) “o objetivo fundamental do debate em suas diversas formas consiste em fornecer dados à opinião pública sobre temas que afetem diretamente”.

A cada semana um determinado aspecto da televisão é abordado no Ver TV e fornecem ao telespectador discussões até então, pouco conhecidas, que não são tratadas nas emissoras comerciais. Dessa forma, geram resultados positivos, na medida em que a polêmica gira em torno de um tema que afeta diretamente a vida cotidiana.

Em virtude do Dia Nacional contra a baixaria na TV, 17 de outubro, contra a má qualidade dos programas que são exibidos na televisão brasileira, a TV Brasil e TV Câmara realizou no dia 19 de outubro de 2008, o programa Ver TV especial para comemorar o quinto ano do protesto. O tema em discussão foi a publicidade infantil. Neste dia, excepcionalmente, o programa foi transmitido ao vivo e contou com o apoio das TVs Universitárias, TVs legislativas e comunitárias que retransmitiram o debate com uma hora de duração, com o propósito de debater a influencia da publicidade televisiva no comportamento da criança. Nesta edição, a produção do programa recebeu mais de 45 participações de telespectadores.

O programa Ver TV é gravado nas quintas-feiras à tarde, no auditório da TV Câmara. No dia do gravação, toda a equipe está presente. Próximo ao horário previsto para a gravação, os convidados começam a chegar à emissora. A produtora Joana Praia recebe-os e encaminham para a maquiagem. Faz contato com os demais convidados para saber se estão a caminho. Confere os créditos - nomes e funções que constam no espelho e faz as correções. Entrega as alterações para o operador do GC, responsável por identificar os convidados no vídeo. Essa é a forma para evitar que o nome ou função do convidado entre errado no programa.

O coordenador do núcleo de programas da TV Câmara, Cláuder Diniz, finaliza o espelho do programa e a chamada. Em seguida, entrega para a diretora do programa, Alessandra Esteves, que distribui as cópias para todos os envolvidos da equipe. Ela conversa com Laurindo sobre a entrada dos *vts* nos três blocos e os principais tópicos a serem debatidos.

Ao iniciar o programa, a introdução desperta o interesse, estabelece o assunto e o estilo do programa, apresenta os personagens e prepara o conflito ou problema a ser debatido. Em alguns casos, a abertura deve conter um gancho para prender o telespectador. O desenvolvimento dá a idéia do fato e não a ação, em contraste com a reportagem simultânea.

O debate é a forma mais viva da polêmica. Nele se produz um enfrentamento aberto de duas posturas opostas. Do debate devem surgir os dados necessários para justificar cada postura e, em conseqüência, para esclarecer o tema polêmico. Do resultado do debate surgirá o posicionamento do público ao lado de uma postura ou de outra. Este posicionamento nem sempre é definido ou definitivo. (PRADO, 1989, p. 93)

O apresentador Laurindo Filho no programa Ver TV exerce o papel de moderador. Abre o debate com uma introdução ao tema, breve e sugestiva. Depois dela, a identificação dos participantes e a justificativa de sua presença de forma rápida e concisa. No programa, o apresentador segue o modelo padrão de abertura quando diz: “Está no ar mais um Ver TV – Um programa para quem gosta de televisão. Realização da TV Brasil e da TV Câmara, com o apoio da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. O Ver TV discute toda semana o papel da TV na sociedade brasileira e você é sempre nosso convidado. Assunto... Para isso convidamos, nome e respectiva função dos três convidados. Antes de iniciarmos o debate vamos assistir a uma reportagem sobre o assunto”.

A reportagem é o grande gancho do programa, que aparece na abertura de cada bloco, com o intuito de ilustrar, provocar e despertar o debate. É uma forma para que o jornalista Laurindo Leal Filho comece a rodada de exposições, na qual os convidados se definem sobre o tema proposto, e partir daí, mostrem os primeiros posicionamentos.

Durante o intervalo de cada bloco, Vinicius Dória conversa no estúdio com o apresentador Laurindo Filho e também com os convidados sobre a abordagem que será feita nos próximos blocos. Este o momento para que os debatedores organizem as idéias e troquem conversas sobre o tema em questão.

Há uma relação interesse jornalístico e abrangência do público para uma informação. Quanto maior o interesse jornalístico, maior a abrangência do público a que a informação se possa destinar. Já a comunidade envolvida na especialidade será motivada não tanto pelo aspecto jornalístico de uma informação, mas por suas implicações puramente técnicas. O material jornalístico caracteriza-se, em tese, por sua atualidade, universalidade, periodicidade (durabilidade limitada) e difusão, mas o que mais o identifica é a estruturação retórica em torno de pontos de interesse jornalístico. (LAGE, 2001, p. 113-114)

No segundo e terceiro bloco, o jornalista chama a reportagem, que também poderá ser um depoimento. Esse VT aparece no monitor de plasma que compõe o cenário do programa. Se o assunto é muito polêmico, são inseridas duas matérias no segundo ou terceiro bloco. Em seguida, Laurindo questiona os convidados e dá espaço para as intervenções. No encerramento do terceiro bloco, o apresentador agradece a presença dos convidados, a audiência do telespectador e cita o e-mail do programa: vertv@tvbrasil.org.br para envio de sugestões e também o telefone do Disque Câmara 0800.619.619. E finaliza o programa: “Obrigado e até a semana que vem, como mais um Ver TV, um programa para quem gosta de televisão”.

O programa deve ser finalizado com um objetivo alcançado. O moderador encerra a mesa-redonda com um breve resumo das posições encontradas. A idéia é deixar o telespectador bem informado, e esclarecido sobre um determinado assunto, seja de interesse pessoal ou social. Por isso, o programa Ver TV cumpre o papel de estimular e provocar o interesse do telespectador e a necessidade de ampliar o conhecimento, por meio da análise da programação, conteúdos e programas exibidos na própria televisão, que exerce o poder motivador como meio de informação.

Após o término da gravação, é feita a chamada do respectivo programa para uso da programação das duas emissoras. Os convidados e o apresentador continuam no estúdio. A chamada do Ver TV segue o formato: “(assunto). é o tema do Ver TV desta semana. Vamos saber (uma pergunta sobre o tema). São nossos convidados.... e encerra com a mensagem: Eu espero você no Ver TV, um programa para quem gosta de televisão”.

Segundo Pedro Maciel (1995, p.105) “a chamada é um texto que antecipa os assuntos de destaque do telejornal ou programa como forma de despertar a atenção do telespectador. As chamadas são transmitidas dentro da programação da emissora”.

O processo de produção da chamada é composto por quatro etapas. A primeira é a compreensão do assunto do programa. Com base nisto são destacados pontos principais que

serão debatidos pelo apresentador e seus convidados. A segunda é a criação do texto sucinto, coloquial e objetivo. A terceira é gravada pelo apresentador no cenário do programa com respectivos convidados. E por fim, a quarta e última etapa é finalização na pós-produção, em que é inserida a tarja com os dias e horários de exibição, de acordo com o padrão visual de cada emissora. Ao elaborar a chamada do Ver TV, costuma-se pensar no foco principal que será dado no programa. Por isso, o texto é coloquial e objetivo que tal forma, resume o que vai ser debatido e com isso, desperte a atenção do telespectador.

O jornalista Laurindo Filho, no programa Ver TV participa do debate com sua opinião pessoal. A introdução de novos aspectos ressaltados ao longo do programa é de sua responsabilidade e também não poderá deixar que o tema central do programa se perca. Além disso, é preciso ter o controle do debate, evitando uma expressão caótica que represente um ruído para a mensagem, ou seja, dois convidados conversando ao mesmo tempo. Em determinados temas do Ver TV, seu êxito consiste em provocar um enfrentamento entre os convidados.

Os programas de televisão têm dois objetivos: entreter e informar. O primeiro, refere-se ao poder de interessar, surpreender, divertir, chocar, estimular ou desafiar a audiência, mas despertar sua vontade de assistir. O segundo, possibilita até o final da exibição do programa, que o telespectador saiba um pouco mais do assunto do que ele sabia no começo do programa. (WATTS, 1991, p.20)

É importante destacar que algumas edições do Ver TV, como por exemplo, ao tratar temas científicos da televisão, ou seja, a questão da TV Digital, não trouxe grandes divergências entre os convidados, pelo fato do assunto não gerar polêmica. Por isso, muitas vezes ocorre uma troca de opiniões e de informações. Isso é importante, pois, de alguma forma contribui como papel didático para o telespectador, que muitas vezes, não conhece o assunto. Sendo assim, o Ver TV cumpre o papel de informar, esclarecer o assunto, e com isso, ser formador de opinião.

Com as fitas do programa gravado e da chamada em mãos, a diretora Alessandra Esteves revisa e verifica se será preciso fazer edição, caso tenha ocorrido algum erro ou problema técnico. Se for necessário, faz os reparos junto com o editor de imagem. Finalizada a edição, é feita a cópia do programa e da chamada a serem entregues ao coordenador do núcleo de programas da TV Câmara, Cláudio Diniz, para a exibição do programa e finalizar a chamada na pós-produção, para adequar ao padrão visual da emissora.

O contato com a equipe do Ver TV foi fundamental para compreender e descrever neste capítulo, a forma como é o funcionamento do processo de produção do programa, desde a reunião de pauta até a finalização na pós-produção. Participar de todas as etapas do Ver TV contribui para a compreensão de novas técnicas televisivas, além de atentar sobre a má qualidade de alguns conteúdos televisivos que as emissoras comerciais abordam por meio dos programas e ao longo da programação. As iniciativas das duas emissoras em produzir o programa que tenha o objetivo de adotar uma postura diferenciada da TV aberta e seja favorável à valorização dos direitos humanos na televisão é o que torna o Ver TV, um programa informativo e questionador que leva ao telespectador, a cidadania por meio do debate.

5 ENTREVISTA NA TELEVISÃO

Um dos objetivos da entrevista em televisão é esclarecer ou conhecer mais sobre um determinado assunto. Sendo um procedimento de apuração jornalística, serve também, para expor a intimidade do entrevistado. Expressões por meio de gestos - olhar, tom da voz, modo de se vestir, influenciam o telespectador e com isso, mudar a ação do entrevistador. O mérito do entrevistador resulta principalmente, quando consegue tirar do convidado mais do que ele gostaria de dizer.

A entrevista é, fundamentalmente, a indagação de alguém sobre assunto de interesse geral, visando ao maior esclarecimento do público. Duas figuras, como se percebe, devem estar cercadas do maior respeito e da máxima atenção: o entrevistado, representando o fato ou o assunto e, portanto, no primeiro plano, e o público, o objetivo final da entrevista. Quanto ao entrevistador, a exemplo do repórter, continua na posição de intermediário entre o primeiro e o segundo. (SAMPAIO, 1971, p. 103)

No programa Terceiro Milênio, que discute o futuro do telejornalismo, o especialista e educador Luiz Barco pergunta ao entrevistador e jornalista Florestan Fernandes Júnior, qual é o mais fácil: “ser entrevistado ou ser entrevistador”? Florestan afirma que ser entrevistado é mais fácil, pois o entrevistador, para fazer uma pergunta, tem que ter preparo. Antes de fazer qualquer entrevista, seja no programa ao vivo, ou não, o entrevistador precisa realizar um levantamento das notícias que sejam de referência para o entrevistado, ter uma conversa antes sobre o que será discutido, assim facilitando que o entrevistado possa responder as perguntas

com mais segurança. Para isso, não se pode fazer uma pergunta sem embasamento. (FERNANDES JÚNIOR, 1998).

Segundo Heródoto Barbeiro (2002, p. 86) “boas entrevistas são as que revelam conhecimentos, esclarecem fatos e marcam opiniões. Quando isso acontece a notícia avança e abre espaços para novas entrevistas e reportagens”.

O entrevistador ao longo do programa de entrevista ou debate cumpre papel essencial. Ele “representa” o telespectador e faz perguntas que considera mais importantes sobre o assunto pautado, que poderia ser uma dúvida ou questionamento de milhares de pessoas. Além disso, precisa estar preparado para a mudança no ritmo da entrevista. Uma resposta pode levar o assunto para um tema mais importante que o preestabelecido.

Segundo Nilson Lage (2001, p.79) “uma entrevista conduzida corretamente é precedida de troca de cumprimentos e de palavras sobre qualquer assunto, provavelmente sobre a entrevista, que tem função fática, isto é, objetiva, estabelecer o contato nos termos pretendidos”.

É importante destacar que os entrevistados têm o direito ético de não responder a determinada pergunta e até mesmo de não dar entrevista. O que o jornalista pode fazer é usar a inteligência para conseguir declarações que contenham notícias ou esclarecimentos, utilizando os princípios éticos da profissão.

Segundo Heródoto Barbeiro (2002, p. 86), “a entrevista não é debate. No entanto, é preciso tomar cuidado para que um bate-boca não confunda o telespectador. Ela não é um confronto de opiniões entre o jornalista e o entrevistado”.

De acordo como jornalista Heródoto Barbeiro, o Ver TV não é um programa de entrevista, mas de debate, pois há confronto de idéias e opiniões entre os convidados. A intenção de levar um determinado tema para discussão é justamente, para que todos se manifestem e com isso, possam expor sua opinião. Desta forma, o programa atinge sua finalidade de garantir e transparecer as diversidades de idéias e posições. Isso é interessante para o telespectador tenha acesso à multiplicidade de pensamento e a partir dessas discussões, adote uma posição mais crítica em relação aos conteúdos dos programas que são oferecidos pelas emissoras comerciais.

O debate é um programa extremamente perigoso para quem dele participa. Certos valores comprovados, certa lógica na exposição de idéias, o próprio senso comum na avaliação de episódios, quando colocados, ortodoxamente, por um querelante, na televisão, podem perder todo o seu significado se o oponente for por exemplo, mais agressivo. O debate desperta no público exposto à televisão sentimentos ocultos de agressividade, pois, no fundo, é um terrível jogo mítico, vencido por aquele que melhor soube explorar os seus símbolos, a pretexto de uma discussão, não importando, no caso, o seu conteúdo. (SAMPAIO, 1971, p. 109)

Para conduzir o debate, o apresentador Laurindo Filho estuda, pesquisa o assunto, elabora roteiro com algumas perguntas, analisa como o tema é visto pelas emissoras de televisão e casos que foram parar no Ministério Público ou no Ministério da Justiça. Estar preparado sobre o assunto é fundamental para não demonstrar insegurança no momento da pergunta. Isso não pode acontecer, pois perde a credibilidade do programa.

Para entrevistar não existe uma só regra ou receita, é verdade, porém acreditar que a arte da entrevista só existe por si mesma é tirar qualquer importância do conhecer, do aprender e, então, do questionar. É preciso tentar trazê-lo à tona para que assim, quem sabe, perguntar fique mais fácil. (MÜHLHAUS, 2007, p. 313)

Portanto, sendo um procedimento de apuração jornalística junto a uma fonte capaz do diálogo e informações relevante ao interesse público, a qualidade da entrevista está em função do trabalho preparatório. Para isso, na elaboração do questionário de perguntas feitas pelo entrevistador devem ser considerados: o conteúdo e a personalidade do entrevistado. No decorrer da entrevista, o que importa é o fato que está sendo examinado do assunto pautado.

Quando o jornalista usa bem o roteiro, ele tem consciência que preparou algumas perguntas, mas sabe também que, se ouvir a verdade, outras perguntas surgirão das próprias respostas do entrevistado. Na verdade, o que precisa acontecer é uma autêntica conversa, um diálogo autêntico. Muitos jornalistas se prendem às perguntas que prepararam e não ouvem a resposta do entrevistado porque estão ansiosos por fazer a outra pergunta. (CAPUTO, 2006, p. 61)

Ao preparar a entrevista para ilustrar as concepções dos principais realizadores do programa Ver TV, foi necessário investigar, estabelecer contatos com demais integrantes da equipe e pesquisar materiais divulgados na mídia impressa e eletrônica. Após as entrevistas, foi possível concluir que o Ver TV é resultado do comprometimento desses profissionais e da parceria das duas emissoras, que buscam atender à função educativo-cultural da televisão, de promover a cidadania e ao respeito aos direitos humanos e criticar conteúdos exibidos nas

TVs comerciais que violam o artigo 221 da Constituição Federal de 1988. (APÊNDICE – Entrevista com os realizadores do Ver TV).

CONCLUSÃO

Ao chegar ao fim de mais um trabalho monográfico para conclusão da segunda graduação, destaco as contribuições das obras de especialistas em produção televisiva e do especialista e doutor em comunicação Arlindo Machado que colaboraram definitivamente para que tivesse capacidade de visualizar o modo de produção do programa Ver TV, que cumpre seu objetivo de analisar a qualidade da programação e dos programas que são exibidos pelas emissoras comerciais e denunciar os que violam os direitos humanos, ou seja, incentivam termos pejorativos em relação aos homossexuais, que tratam a mulher como um objeto de consumo, ridicularizam negros, pobres e portadores de deficiência, ou seja, os considerados “diferentes”.

Com as pesquisas feitas para realizar este trabalho, percebemos que a televisão é um meio de comunicação de grande mobilização social e está presente em 95% dos lares brasileiros, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Por isso, cada emissora de televisão, seja canal aberto ou fechado, tem programação diversificada que pode incluir novelas, filmes, programas e telejornais, com o objetivo de entreter, divulgar e informar fatos que são de extrema importância para a sociedade. Mas, há um fator preocupante, sobre a qualidade desses programas veiculados. Alguns violam os direitos humanos e, desta forma, o público é alvo de desrespeito. O que vemos nas emissoras comerciais são programas que têm o mesmo perfil, horário e muitas vezes, o conteúdo é abordado da mesma forma das demais. Então, muda-se de canal para se ver as mesmas coisas? Cenas de sexo e violência aparecem na tela da televisão, sem pedir licença. Entram pela manhã e permanecem o dia inteiro. Para evitar isso, não basta o telespectador usar o controle remoto e trocar de canal. Várias emissoras apresentam o mesmo conteúdo e uma política pautada pela competitividade. Na guerra pela conquista do público, apelam a conteúdos em horários inadequados com a finalidade de conseguir audiência imediata.

Foi pensando nesta problemática com o propósito de proteger o desenvolvimento das crianças e adolescentes dos perigos da produção para televisão e conciliar a liberdade de informação, que o Ministério da Justiça implantou a portaria nº 1.220/07 que regulamenta a Classificação Indicativa nas emissoras públicas e privadas. No entanto, ela ainda gera

polêmica, ou seja, de um lado estão o Ministério da Justiça e o Ministério Público Federal e de outro, as emissoras de televisão. E no centro deste conflito, os telespectadores.

É importante destacar que os pais ainda são os principais responsáveis pelo controle dos conteúdos assistidos pelos filhos. No caso do TV por assinatura é mais fácil: eles podem bloquear alguns canais, programações ou simplesmente, não adquirir esses canais que possam ser vistos, diferente, das emissoras comerciais, que não têm este instrumento de controle. O telespectador tem importante papel nesse processo. Desta forma, pode registrar a reclamação contra a emissora e também fazer a denúncia ao Ministério Público Federal, sendo este, responsável por instruir um procedimento administrativo que resulta na punição do veículo que o transmite. Sendo assim, o sistema de Classificação Indicativa é extremamente democrático e composto por diversos órgãos públicos com respectivas atribuições, como o Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação do Ministério da Justiça que monitora a programação televisiva e se constatada alguma inadequação efetivamente comprovada, mediante processo, é encaminhado ao Ministério Público Estadual ou Federal que avalia o caso e aciona ao Poder Judiciário, que estabelece a punição aos responsáveis pela obra, de acordo com a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Além desses meios, o telespectador pode ainda, registrar a reclamação na Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados pelo telefone 0800.619.619 e também no site do Ministério da Justiça: www.mj.gov.br/classificacao, no link “Fale Conosco”.

No entanto, o que falta para termos uma programação de qualidade oferecida pelas emissoras comerciais é a participação ativa da sociedade com sugestões e denúncias; e a fiscalização intensa e constante por parte do governo que concede aos concessionários (donos de emissoras), as concessões públicas para que possam produzir programas de qualidade que atendam ao artigo 221. Na relação entre o governo e concessionários há várias distorções e muitas irregularidades, como é o caso de donos de emissoras que alugam espaços na programação para obter faturamento sem acrescentar valores como informação, entretenimento e cultura. Desta forma, agredem o princípio da concessão, previsto no Código Brasileiro de Telecomunicações que exige que cada emissora de TV aberta transmita no máximo 25% da programação publicitária. Ao “passear” pelos canais das emissoras comerciais, vemos constantemente o horário nobre e até mesmo o período da tarde, sendo ocupado por um festival de sensacionalismo, como por exemplo, o programa Casos de Família do SBT que aborda conflitos familiares e disputa audiência com o programa Márcia

da emissora Bandeirantes. (VER ANEXO F – Reportagem da Revista Veja: Nivelou por baixo)

Portanto, se tivéssemos um processo de fiscalização mais rigoroso, essas concessões teriam de ser revistas, como por exemplo, em países como a Austrália, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Suécia, em que o Estado ou governo aplicam multas e punições altíssimas para as emissoras que violam a privacidade dos telespectadores. Outro fator que poderia contribuir neste processo, é a participação popular, para que estabeleça um diálogo com essas emissoras, até porque são concessões públicas e os cidadãos têm o direito de interferir na qualidade da programação. Órgãos públicos como o Ministério da Justiça, Ministério Público Federal ou Estadual e a Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados contribuem para o fortalecimento da classificação educativa na televisão ao restringir abusos cometidos pelos veículos de comunicação, além de regulamentar a classificação dos programas e impedir a veiculação de conteúdos impróprios e que geram impactos negativos para crianças, adolescentes e a sociedade. (VER ANEXO G – Reportagem da Revista Veja: Pesadelo infantil).

Conforme demonstrado neste trabalho, o Ver TV é um programa informativo com enfoque jornalístico e não de entretenimento, sendo possível verificar que o roteiro do programa é separado em três partes, sendo que em cada bloco, há uma nova abordagem dada ao tema. O primeiro bloco é a abertura, em que o apresentador Laurindo Leal estabelece o assunto e introduz o VT reportagem. O segundo é a passagem, ou seja, o desenvolvimento do assunto. Abre-se com o VT de outra reportagem para em seguida, Laurindo Leal iniciar o debate. O terceiro e último bloco tem o mesmo formato dos blocos anteriores, mas finaliza com os objetivos alcançados, ou seja, deixar o telespectador informado sobre o assunto ou mais crítico em relação aos conteúdos que são oferecidos pelos canais da TV.

De acordo com Harris Watts (WATTS, 1990, p.20), o Ver TV atende o segundo objetivo, ao estimular o debate, informar, promover a consciência sobre a necessidade de colocar a televisão a serviço dos valores como cidadania, educação, cultura e informação. O programa cumpre a finalidade de analisar a qualidade do conteúdo e da programação televisiva, criticar a forma como as emissoras comerciais conquistam seus públicos e, com base nisso, fazer com que o telespectador possa ter uma postura diferenciada do serviço público de TV que é oferecido pelas emissoras que devem ser reguladas pelo público, mas não cumprem efetivamente o artigo 221 estabelecido pela Constituição Federal de 1988.

Analisando a estrutura do Ver TV, percebe-se que o modo de produção está de acordo com a bibliografia consultada. E, pelo método de observação em campo, foi possível verificar que o apoio do gerente do Núcleo de Programas da Empresa Brasil de Comunicação, Vinicius Dória, é essencial para enriquecer e aprimorar novas discussões ao longo do programa. O apresentador Laurindo Leal Filho procura evitar que as discussões degenerem ou fujam do tema proposto, além de impedir que as agressões mútuas fiquem no plano pessoal, sendo válida apenas a agressão no plano das idéias, pois esta é a finalidade do Ver TV.

Não poderia concluir este trabalho, entretanto, sem chamar a atenção do leitor para outro aspecto fundamental que foi participar do processo de produção do Ver TV e ter contato com profissionais para troca de experiências e conhecimentos. O processo envolve técnicas e meios que permitem integração entre todas as pessoas engajadas na pré e pós-produção. Por isso, a produção é uma área que exige muito de todos os integrantes em suas respectivas funções, pois todos têm de estar envolvidos no processo, seja na realização do programa gravado ou ao vivo. O comprometimento da equipe é fundamental para o sucesso do programa.

Portanto, é a responsabilidade de qualquer emissora oferecer uma programação de qualidade, com conteúdos informativos que promovam valores como cidadania, educação e cultura e revelar a importância de reservar um espaço para o diálogo aberto com seu público, como acontece no Ver TV, que contribui não só para a reflexão da atividade jornalística, mas para o próprio aperfeiçoamento democrático da sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. Jornalismo na TV. São Paulo: Contexto, 2005.

BONASIO, Valter. Televisão: Manual de Produção & Direção. Belo Horizonte: Leitura, 2002.

BUCCI, Eugênio. A TV aos 50. Fundação Perseu Abramo.

CAPUTO, Stela Guedes. Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CARVALHO, Rogério Brandão de. A produção do programa de televisão Diálogo Brasil. 67 p. Trabalho de conclusão do curso (Graduação) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2005.

COSTA, Marco Antônio da; BARROZO, Maria de Fátima. Metodologia da pesquisa: conceitos e técnicas. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

CUNHA, Albertino Aor da. Telejornalismo. São Paulo: Atlas, 1990.

CURADO, Olga. O dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.

FILHO, Lalo Leal. [Concepção do programa Ver TV]. Entrevista concedida ao aluno Rogério Brandão por e-mail. Brasília, março, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1996.

JÉSPERS, Jean Jacques. Jornalismo televisivo: princípios e métodos. Mineira Coimbra. 1998.

JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu Pereira. Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo. (Coleção Comunicação, 2). Porto Alegre: 2000.

JÚNIOR, Florestan Fernandes. Jornalismo na TV. Vídeo. Série Educação. Loyola Multimídia [1998]. 1 videocassete.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.

MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. 3. ed. São Paulo: Editora Senac, 2003.

MACIEL, Pedro. Jornalismo na televisão. Porto Alegre: Sagra, 1995.

MATTOS, Sérgio. História da televisão brasileira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MÜHLHAUS, Carla. Por trás da entrevista. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2007.

PATERNOSTRO, Vera Íris. O texto na TV: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

RAMPAZZO, Lino. Metodologia Científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. Loyola, São Paulo: 2002.

REZENDE, Guilherme Jorge. Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo: Summus editorial, 2000.

SAMPAIO, Walter. Jornalismo audiovisual: Teoria e prática do jornalismo no rádio, tv e cinema. São Paulo: Vozes, 1971.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. O mundo dos jornalistas. 3.ed. São Paulo:1993.

VEIT, Augustino; DÓRIA, Vinicius. [Surgimento e formato do programa Ver TV]. Entrevista realizada verbalmente com o coordenador do *site* Ética na TV e com o gerente do Núcleo de Programas Especiais da TV Brasil, pelo aluno Rogério Brandão. Brasília, fev, 2009.

WATTS, Harris. On Câmera: O curso de produção de filme e vídeo da BBC. São Paulo: Summus editorial, 1990.

ZAHAR, Jorge. Jornal Nacional: A notícia faz história. TV Globo. Rio de Janeiro: 2004.

SITES

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS PÚBLICAS, EDUCATIVAS E CULTURAIS. 2008. Disponível em: < www.abepec.com.br>. Acesso em: 25 fev 2009.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

Disponível em: <<http://www.centrocultural.sp.gov.br/livros/pdfs/telejornalismo.pdf>>. Acesso em: 23 fev 2009.

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC. Disponível em: < <http://www.jornalismo.ufsc.br> >. Acesso em: 22 fev 2009.

DIREITO A COMUNICAÇÃO

Disponível em:

<http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/content.php?option=com_content&task=view&id=4179>. Acesso em: 22 fev 2009.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Brasília, 2007. Disponível em: www.mj.gov.br/classificacao. Acesso em: 21 abril 2009.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA

Disponível em:<www.observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em: 23 fev 2009.

TV CÂMARA. Ver TV: Especial 3 anos. Brasília: TV Câmara, 2009. Programa exibido em 26 de fevereiro de 2009. Disponível em: < www.camara.gov.br/internet/tv>. Acesso em: 23 fev 2009.

APÊNDICE - ENTREVISTA COM OS REALIZADORES DO VER TV

O propósito desta entrevista é conhecer a concepção dos principais responsáveis pela formação do Ver TV, entre eles, o apresentador e jornalista Laurindo Lalo Leal Filho, o gerente do Núcleo de Programas Especiais da Empresa Brasil de Comunicação, Vinicius Dória, e o coordenador do *site* Ética na TV, Augustino Veit que relatam a importância do programa para a sociedade e na programação da rede pública de televisão.

Nesta primeira etapa da entrevista, vamos conhecer o perfil do jornalista e apresentador do programa Laurindo Filho. Ele conta sobre a importância do Ver TV para a sociedade, como instrumento para a construção da cidadania e o respeito aos direitos humanos. (Informação escrita)¹

Laurindo Lalo Leal Filho é jornalista, mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado no Goldsmiths College pela Universidade de Londres. Autor de vários livros, entre eles, "Atrás das Câmeras, relações entre Estado, Cultura e Televisão". "A melhor TV do mundo, o modelo britânico de televisão", "A TV sob controle, a resposta da sociedade ao poder da televisão" e "Vozes de Londres, memórias brasileiras da BBC". Professor da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Casper Líbero, já trabalhou na Rádio Nacional de São Paulo (Rádio Globo); e nas TVs: Cultura, Bandeirantes e Rede Globo. Em 2006, foi convidado pelo ex-presidente Eugênio Bucci, da extinta Radiobrás, hoje, Empresa Brasil de Comunicação, para apresentar o programa Ver TV transmitido pelas emissoras TV Câmara e pela TV Brasil. Em agosto de 2008, assume o novo projeto da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), na função de ouvidor-geral e permanece na apresentação do programa Ver TV.

¹ FILHO, Lalo Leal. [Concepção do programa Ver TV]. Entrevista concedida ao aluno Rogério Brandão por e-mail. Brasília, março, 2009.

1) Como surgiu o convite de apresentar o programa Ver TV?

Laurindo Filho: A idéia de um programa que discutisse televisão é um pouco antiga. Surgiu na década de 1990, com o Grupo TVer, criado pela deputada Marta Suplicy. Alguns integrantes do grupo manifestaram a necessidade de existir um programa que levasse ao público a discussão que nós fazíamos internamente. Propusemos o programa para a TV Cultura, mas não houve receptividade. Quando o Eugênio Bucci, que fazia parte do grupo, assumiu a presidência da Radiobrás tratou de levar o projeto adiante e me convidou para apresentar o programa. Aceitei com muita satisfação.

2) Quais foram às edições mais polêmicas que geraram uma grande repercussão?

Laurindo Filho: A presença das religiões na TV brasileira; a não renovação da concessão da RCTV da Venezuela entre outros temas. No último ano, um dos programas que recebeu um grande número de mensagens dos telespectadores foi o que discutiu a ingerências das emissoras de TV no caso da morte da menina Eloá.

3) O que poderia melhorar no Ver TV? O atual formato atende os objetivos do programa?

Laurindo Filho: Nós já fazemos uma edição anual ao vivo. É no dia nacional pela ética da TV, um domingo de outubro e tem dado muito certo. A realização do programa sempre ao vivo está no nosso horizonte. Há uma proposta de mudar o cenário, mas acho que o programa não precisa mudar muito. Ele vem dando certo do jeito que está.

4) Como você avalia a qualidade dos conteúdos dos programas que são transmitidos na TV brasileira?

Laurindo Filho: Nos canais abertos é uma pobreza só. Falta criatividade, cuidado com o público, inteligência e respeito. Com algumas (poucas) exceções. Há um pouco mais de diversidade e criatividade na TV paga, mas é para poucos. Nas TVs não comerciais temos alguns momentos brilhantes. São, sem dúvida, os melhores momentos da TV brasileira.

5) Quais são os programas que você assiste?

Laurindo Filho: Jornalismo em vários canais, nacionais e internacionais. Filmes, documentários e musicais na TV Brasil. Futebol pelo menos duas vezes por semana.

Na entrevista a seguir, Vinicius Dória, gerente do Núcleo de Programas Especiais da Empresa Brasil de Comunicação, revela algumas novidades do programa para 2009. Além disso, o coordenador do *site* Ética na TV, Augustino Veit explica que o Ver TV é um incentivo a valorização dos direitos humanos na televisão brasileira. (Informação verbal)¹

1)O que é mais relevante no programa Ver TV de acordo com seu modo de produção?

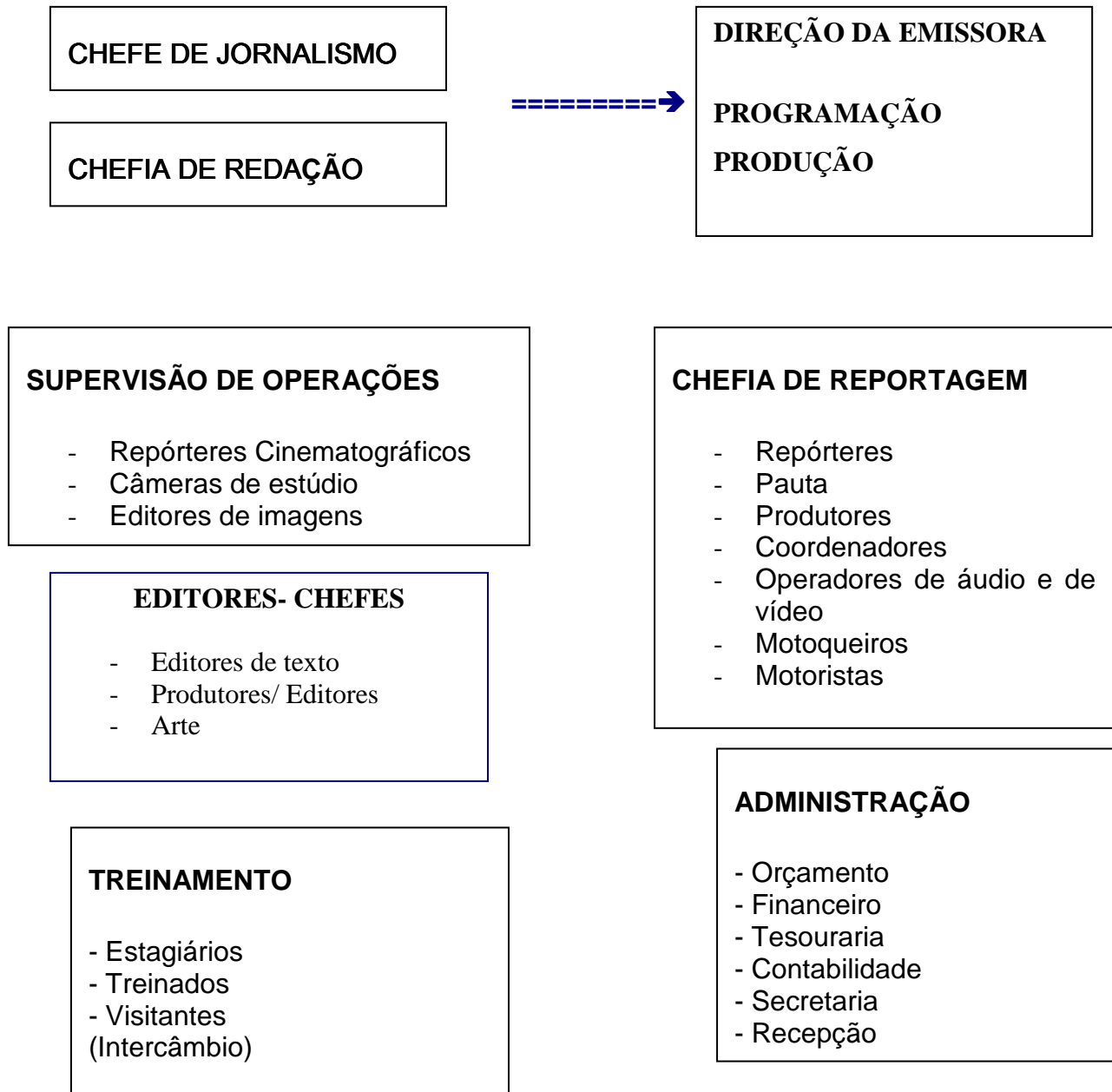
Augustino Veit: A preocupação central do Ver TV é sobre o conteúdo veiculado na TV aberta que viola os direitos das pessoas, dos telespectadores. Por isso, o programa é um instrumento de combate a esse tipo de programação, que não é um conteúdo nem constitucional, e nem o desejado e preferido pelos telespectadores brasileiros.

2)Há novidades no formato do programa para tornar mais próximo do público?

Vinicius Dória: Fizemos em fevereiro, uma edição especial para completar os três anos do programa Ver TV e trouxemos estudantes universitários do curso de jornalismo e do ensino médio, para debater os assuntos, além da participação de especialistas. Foi uma experiência positiva, pois une a relação entre mídia, televisão e sociedade. A possibilidade de o Ver TV ser ao vivo é uma das mudanças que será implantada neste segundo semestre. Com isso, o telespectador poderá participar por e-mail, pelo telefone do Disque Câmara: 0800.619.619, com perguntas, comentários com o propósito de debater o assunto com os convidados no estúdio.

¹ VEIT, Augustino; DORIA, Vinicius. [Surgimento e formato do programa Ver TV]. Entrevista realizada verbalmente com o coordenador do *site* Ética na TV e com o gerente do Núcleo de Programas Especiais da TV Brasil, pelo aluno Rogério Brandão. Brasília, fev, 2009.

ANEXO A – A ESTRUTURA DO TELEJORNALISMO



ANEXO B – COMPOSIÇÃO DO CENÁRIO DO PROGRAMA



Laurindo Lalo Leal Filho, apresentador do Ver TV.



Laurindo Filho chama o VT Reportagem que aparece no plasma e atrai os convidados para o debate.



Após o término do VT, Laurindo Filho abre com uma pergunta para interagir o debate entre os convidados.

ANEXO C – REPORTAGEM DE ESTREIA DO VER TV

Notícias

Programa Ver TV difunde debate sobre ética e democratização

17/02/2006 |

Eduardo Lorea

Redação FNDC

Divulgação/VerTV



Laurindo Leal Filho
apresenta o programa

Foi ao ar na noite de ontem, a primeira edição do programa **Ver TV**, um espaço para discussão do papel da televisão na sociedade brasileira. Com a apresentação de Laurindo Leal Filho, jornalista e pesquisador da área de políticas de Comunicação da Universidade de São Paulo (USP), o programa levará semanalmente três especialistas da área para tratar de temas antes ausentes na tela pequena.

“Sempre achei que a TV brasileira tinha uma grande lacuna: ela não se analisava. E como no Brasil as pessoas praticamente só se informam pela televisão, isso era uma lacuna muito séria. Ela critica todas as áreas, discute todos os assuntos, menos a própria televisão”, afirma Leal. O **Ver TV** vai ao todas as quintas-feiras, às 22h30, na TV Câmara, e é produzido em parceria com a TV Nacional, além do apoio da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados.

Segundo o apresentador, o presidente da Radiobrás, Eugênio Buicci, foi um dos principais responsáveis pela sua implementação. “A idéia é antiga. Quem sempre procurou viabilizá-la foi o Eugênio Bucci. Ele sempre tinha a idéia de viabilizar um programa que analisasse a televisão. Foram dois anos difíceis até que se conseguisse uma parceria com a TV Câmara e a Comissão de Direitos Humanos para se levantar os recursos necessários”, conta.

Em sua avaliação, o **Ver TV** deve dar mais visibilidade àqueles que são os dois eixos do programa: a democratização da comunicação e a ética na televisão. Temas como os critérios de distribuição das concessões, a concentração dos meios e a propriedade cruzada devem ser rotineiros nas discussões. “Também vamos discutir a qualidade da televisão, a questão da classificação por faixas etárias, a questão da propaganda para crianças, a TV digital.”

A necessidade de levar à população essas informações estimula os produtores a tentarem ampliar o acesso ao conteúdo produzido. “Temos um objetivo ambicioso: oferecer o programa às escolas. Os professores de primeiro e segundo graus têm mostrado preocupação em como discutir a TV em sala de aula”, destaca. A disponibilização se daria

através da TV Câmara, que distribuiria cópias dos debates para exibição nas instituições de ensino.

Considerando que o novo espaço colocará luz sobre assuntos pouco conhecidos do grande público, Leal concorda que o programa deve "incomodar" a mídia hegemônica. Entretanto, garante que eles também terão espaço para expor suas posições. "O objetivo é que também os incomodados se manifestem. O programa tem que garantir a maior pluralidade possível", destaca.

Noite de estréia

A primeira edição do **Ver TV** contou com a participação do pesquisador Venício A. de Lima, do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política da Universidade de Brasília (UnB), da crítica de televisão e presidente da Associação Paulista de Críticos de Artes, Leila Reis, e de João Alegria, autor e diretor de programas do Canal Futura.

Suas participações foram precedidas de uma reportagem que contou a história da TV no Brasil. No início de cada um dos dois blocos seguintes, foram exibidos depoimentos de cidadãos na rua sobre o tema em debate.

Em suas falas, Leila lembrou que a TV "é a única janela para o mundo" de boa parte dos brasileiros. No país, há mais residências com receptores do que com geladeiras. "Tamanho poder precisa ter algum controle", alertou.

Venício Lima afirmou que a mídia desempenha funções sociais que deveriam estar a cargo de outros atores. "Ela aumentou sua participação e poder na socialização das crianças, em detrimento de instituições como a igreja, a família e a escola." Também criticou a concentração da propriedade das concessionárias nas mãos de elites regionais, proporcionando o chamado "coronelismo eletrônico", e disse que "sem televisão não há política", argumentando que uma das características do meio é "tornar as coisas públicas".

Alegria focou suas contribuições na questão do conteúdo transmitido ao telespectador. Para ele, é preciso dar ênfase ao estudo da recepção e estar atento às diferenças entre fato e versão, tendo sempre presente que os telejornais nos dão acesso a versões, não fatos. "A TV precisa explicitar seus propósitos", ressaltou, dando a oportunidade de o cidadão identificar elementos que influenciam na produção das notícias.

Na próxima quinta-feira (23/2), o programa receberá o deputado federal Orlando Fantazzini (PSOL-SP), a psicóloga Rachel Moreno, presidente do conselho da Sociedade Brasileira de Pesquisadores de Mercado, e o publicitário Lula Vieira, integrante do Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária (Conar) para tratar da qualidade da programação.

Fonte: http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=16504

ANEXO D – ALGUNS TEMAS ABORDADOS NO VER TV EM 2008

NOME PROGRAMA	DATA GRAVAÇÃO	CONVIDADOS E DEPOIMENTOS
<p>ANIVERSÁRIO VERTV 02 ANOS</p> <p>O VER TV ESTÁ NO AR HÁ DOIS ANOS DEBATENDO O PAPEL DA TV NA SOCIEDADE BRASILEIRA. NESTA SEMANA VAMOS COMEMORAR A DATA DISCUTINDO O NOSSO PRÓPRIO PROGRAMA.</p>	<p>13/02/08</p> <p>Exibido TV Brasil em: 16/02/08</p> <p>Exibido TV Câmara em: 20/02/2008</p>	<p>TÂNIA MONTORO – PROF COMUNICAÇÃO, UNB.</p> <p>BIA ABRAMO - COLUNISTA DA FOLHA DE SÃO PAULO E PROFESSORA DE JORNALISMO DA FACULDADE DE CAMPINAS.</p> <p>JORGE DA CUNHA LIMA - PRESIDENTE DO CONSELHO CURADOR DA RÁDIO E TV CULTURA DE SÃO PAULO.</p> <p>DEPOIMENTOS</p> <p>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DA CÂMARA, LUÍS COUTO</p> <p>POVO-FALA</p> <p>VT MELHORES MOMENTOS</p>
<p>2 – TRANSMISSÕES ESPORTIVAS</p> <p>O VERTV DESTA SEMANA DISCUTE OS DIREITOS DE TRANSMISSÕES ESPORTIVAS PELA TELEVISÃO.</p>	<p>20/02/2008</p> <p>Exibido TV Brasil em: 01/03/08</p> <p>Exibido TV Câmara em: 28/02/2008</p>	<p>RICARDO TORRES - DEPUTADO FEDERAL PSDB DE SÃO PAULO, AUTOR DO PROJETO DE LEI 825/07 QUE AUTORIZA A TRANSMISSÃO GRATUITA DE EVENTOS ESPORTIVOS EM EMISSORAS PÚBLICAS.</p> <p>GUSTAVO GINDRE – COORDENADOR ACADÊMICO DO NÚCLEO DE ESTUDOS, PESQUISA E FORMAÇÃO, O NUFEP</p> <p>ALEXANDRE KRUEL, ADVOGADO E PROFESSOR DE DIREITO PÚBLICO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.</p> <p>DEPOIMENTOS</p> <p>DEPUTADO EDSON DUARTE, DO PV-BA</p> <p>POVO-FALA</p> <p>DIRETOR DA BBC BRASIL</p>
<p>3 – AMAZÔNIA NA TV</p> <p>A AMAZÔNIA NA TELEVISÃO É O TEMA DO VERTV DESTA SEMANA. VAMOS SABER COMO A TV COBRE ESSA REGIÃO QUE OCUPA 60 POR CENTO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO.</p>	<p>27/02/2008</p> <p>Exibido TV Brasil em: 08/03/08</p> <p>Exibido TV Câmara em: 06/03/2008</p>	<p>BETH BEGONHA - JORNALISTA, PRODUTORA E APRESENTADORA DO PROGRAMA AMAZÔNIA BRASILEIRA, TRANSMITIDO PELA RÁDIO NACIONAL DA AMAZÔNIA.</p> <p>ANTONIO ALVES - JORNALISTA E ESCRITOR, CONSULTOR DA TV ALDEIA DE RIO BRANCO, NO ACRE</p> <p>VANESSA GRAZZIOTIN - DEPUTADA FEDERAL PELO PCDOB DO AMAZONAS.</p> <p>DEPOIMENTOS</p> <p>POVO-FALA BSB</p> <p>POVO-FALA NO ACRE</p> <p>JORNALISTA E APRESENTADOR DO REPÓRTER BRASIL. LUIZ LOBO</p>

<p>4 – TELETEATRO</p> <p>TEATRO E TELEVISÃO É O TEMA DO VERTV DESTA SEMANA. COM O GRANDE ESPAÇO OCUPADO PELAS NOVELAS O QUE SOBRA PARA O TEATRO NA TV DE HOJE?</p>	<p>05/03/2008</p> <p>Exibido TV Brasil em: 15/03/08</p> <p>Exibido TV Câmara em: 13/03/2008</p>	<p>ANALY ALVAREZ – ATRIZ, DRAMATURGA E PRESIDENTE DA APETESP, A ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE ESPETÁCULOS TEATRAIS DO ESTADO DE S. PAULO.</p> <p>SÉRGIO MAGGIO – JORNALISTA, CRÍTICO DE TEATRO DO JORNAL CORREIO BRAZILIENSE E PROFESSOR DE COMUNICAÇÃO DO UNICEUB.</p> <p>DAISY LUCIDI – RADIALISTA, ATRIZ DE TEATRO E TV. FOI VEREADORA E DEPUTADA ESTADUAL NO RIO DE JANEIRO.</p> <p>DEPOIMENTOS</p> <p>ATOR E SECRETÁRIO DE IDENTIDADE E DIVERSIDADE DO MINISTÉRIO DA CULTURA NO BRASIL, SÉRGIO MAMBERTI</p> <p>ATOR E DIRETOR DE TEATRO, TV E CINEMA, SÉRGIO BRITTO</p> <p>POVO-FALA</p> <p>DIRETOR DE TEATRO JOSÉ CELSO MARTINEZ</p> <p>ATOR SÉRGIO VIOTTI</p>
<p>5 – PROGRAMAS INFANTIS – 06 A 12 ANOS</p> <p>TELEVISÃO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES É O TEMA DO VERTV DESTA SEMANA. FALTAM PROGRAMAS DE QUALIDADE PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL.</p>	<p>12/03/2008</p> <p>Exibido TV Brasil em: 22/03/08</p> <p>Exibido TV Câmara em: 20/03/2008</p>	<p>ANA OLMOS - PSICANALISTA, ESPECIALIZADA EM NEUROPSICOLOGIA INFANTIL.</p> <p>ÂMBAR DE BARROS - JORNALISTA E VICE-PRESIDENTE DA ANDI, A AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA E</p> <p>ZORA YONARA TORRES - COORDENADORA DE PROJETOS SOCIAIS DO TEATRO MAPATÍ, DE BRASÍLIA.</p> <p>DEPOIMENTOS</p> <p>POVO-FALA CRIANÇAS</p> <p>JORNALISTA PAULA SALDANHA</p> <p>POVO-FALA PAIS</p>
<p>6 – BOSSA NOVA</p> <p>A TELEVISÃO E A BOSSA NOVA – QUE FAZ 50 ANOS – É O TEMA DO VERTV DESTA SEMANA.</p>	<p>19/03/08</p> <p>Exibido TV Brasil em: 29/03/08</p> <p>Exibido TV Câmara em: 26/03/2008</p>	<p>MARIANA VALDEZ DE MORAES, ATRIZ, CANTORA E NETA VINÍCIUS DE MORAES.</p> <p>VADIM ARSKY, MAESTRO, ARRANJADOR, SAXOFONISTA E PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.</p> <p>RICARDO VILAS, MÚSICO, COMPOSITOR E GERENTE MUSICAL DA TV BRASIL.</p> <p>DEPOIMENTOS</p> <p>PROFESSORA HELOÍSA DE ARAÚJO DUARTE VALENTE, COORDENADORA DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM MÚSICA E MÍDIA DA USP</p> <p>JORNALISTA, COMPOSITOR, ESCRITOR, ROTEIRISTA, PRODUTOR MUSICAL E LETRISTA, NELSON MOTA</p>

ANEXO E – RANKING DOS PROGRAMAS MAIS COMENTADOS EM 2008

1º Caso Eloá – 12 e-mails

2º América Latina – 09 e-mails

3º Direitos Humanos, TV e Economia- 08 e-mails

4º VERTV Especial – 07 emails

5º Mulher Mídia, Programação Domingo, Natal sempre Igual – 06 e-mails

6º Propaganda Bebidas Alcoólicas – 05 emails

7º Cotas, Humor Político, Publicidade Infantil – 04 e-mails

8º Música Instrumental, Diversidade Sexual, Criatividade, Deficiente Físico na TV, Onde estão os Negros – 03 e-mails

9º Reality Shows, Caso Isabela, TV e Internet, Celebridade – 02 e-mails

10º Violência, Literatura, Clássicos Cinema, Novas Tecnologias, Comportamento – 01 e-mail

Críticas, agradecimentos e sugestões gerais – 41 e-mails

Fonte: Produção do Ver TV

ANEXO F- REPORTAGEM DA REVISTA VEJA: NIVELOU POR BAIXO



NIVELOU POR BAIXO

Os fins de tarde na TV viraram — mais uma vez — um festival de sensacionalismo. Para subirem na audiência, as emissoras descem a ladeira da exploração da miséria humana

MARCELO MARTHE

Dois meses atrás, ao decretar o fim da revista de variedades *Olha Você*, que o SBT vinha exibindo sem sucesso no fim da tarde, Silvio Santos pontificou: era impossível competir naquele horário com uma atração amena. Ele estava frustrado porque sua emissora se via acossada pela Bandeirantes, que volta e meia a ultrapassava no íbopo da Grande São Paulo com os telebarraços de Márcia Goldschmidt e o policiaresco *Brasil Urgente*, de José Luiz Datena. Desde o

último dia 4, Silvio contra-ataca com a mesma moeda. Às 16h30, colocou no ar uma versão reformulada do *Casos de Família*. O programa, que antes abordava conflitos familiares num tom de autoajuda, ganhou uma nova apresentadora, Christina Rocha, e agora investe nos telebarraços de forma até mais radical que Márcia. Às 17h30, Christina entrega o bastião a Carlos Massa, o Ratinho — que, depois de dois anos de geladeira, está de volta num programa que une seu humor chulo ao jornalismo popula-

AS BARRAQUEIRAS...

MÁRCIA GOLDSCHMIDT (Band)
Intervenções estéticas: chapinha e tintura loira nos cabelos, plástica para aumentar os seios e Botox ("É o meu melhor amigo")
Rendimento mensal: 250 000 reais

CHRISTINA ROCHA (SBT)
Intervenções estéticas: liposcultura no abdômen, plástica nas pálpebras, aplicações de Botox
Rendimento mensal: 40 000 reais

...E OS BRUCUTUS DAS TARDES DA TV

RATINHO (SBT)
Peso: 100 quilos
Rendimento mensal: 500 000 a 1 milhão de reais, dependendo do faturamento do programa



JOSÉ LUIZ DATENA (BAND)
Peso: 110 quilos
Rendimento mensal: 350 000 reais



GERALDO LUIZ (Record)
Peso: 103 quilos
Rendimento mensal: 130 000 reais



resco. É uma resposta a Datena. As estradas de Ratinho e Christina levantaram a audiência do SBT nos primeiros dias. Mas a disputa segue indefinida. O que já se pode afirmar é que, como vem ocorrendo na TV brasileira desde os anos 90, mais uma vez os fins de tarde passam por um dos seus mergulhos cíclicos na lama. Com problemas crônicos de íbopo nessa faixa de horário, a Record deverá ser a próxima a abraçar a tendência: entrará na refrega com um novo programa capitaneado pelo apresentador Geraldo Luiz.

Na área dos telebarraços, a competição se dá entre uma veterana e uma novata. Márcia Goldschmidt exerceria-se nesse tipo de programa desde o fim dos anos 90, quando despontou num show do SBT em que lavagens de roupa suja entre parentes ou casais resultavam, quase sempre, numa troca de sopapos. A certa altura, isso começou a afugentar anunciantes — e o Ministério Público passou a pressionar contra a baixaria. Então Márcia, que está sempre em busca do aperfeiçoamento ("Aliso os cabelos, faço luzes, pus silicone nos seios e me amarro num Botox", diz), suavizou seu estilo. Ela ainda torna públicos os desencontros afetivos de pais e filhos, homens e mulheres, às vezes com a ajuda de um detector de mentiras, mas trocou a instigação pelo pseudoconselho sentimental. Em sua estreia no filho, Christina (que começou na televisão no famigerado *O Povo na TV*, em 1981, e, nos anos 90, apresentou o tele-



jornal sensacionalista *Aqui Agora*) faz lembrar a antiga Márcia. Seu papel é atizar a discussão entre os participantes do *Casos de Família* até o ponto da gritaria. "Sou um soldado de Silvio Santos", diz ela. Seu salário é de 40 000 reais por mês — contra 250 000 reais embolsados por Márcia. Essa última, ao menos por enquanto, não dá sinais de que vai retornar ao antigo figurino. "Eu era parte do problema das pessoas que iam ao meu programa. Hoje, sou a solução", diz ela. Para responder à ameaça do SBT, sua aposta é um quadro em que oferece cirurgias plásticas para moças da periferia em busca de namorado.

A disputa entre Ratinho e Datena é igualmente acirrada. A fórmula do *Brasil Urgente* — que consiste numa imagem impactante de violência repetida vezes sem conta, enquanto Datena esbraveja contra a impunidade do criminoso — Ratinho contrapõe o seu indescritível "humor", um de seus quadros foi um futebol de anões. Embora se declarem amigos, os dois se alfinetam. "Datena é um mal-humorado", afirma Ratinho. Datena, que completa 52 anos nesta terça-feira, há tempos anuncia e deseja de se aposentar. Reclama que não tem mais saúde para seu trabalho. Há três anos, retirou um tumor do pâncreas. "Não sou burro, sei que tenho uma enfermidade grave", diz.

Datena se irrita, em particular, com a Record — com a qual rompeu há seis anos e que exige dele uma indenização de 10 milhões de reais. "O dinheiro ali cai do céu", afirma, referindo-se aos recursos que a Igreja Universal do Reino de Deus despeja na Record. Enervado mais ainda a hipótese de Geraldo Luiz, apresentador que é uma espécie de "Datena cover", vir a competir com ele e Ratinho. Descoberto pelos bispos na afiliada da emissora em Limeira, no interior de São Paulo, Geraldo comandava até duas semanas atrás a versão paulista do *Balanço Geral*, jornalístico na linha mundo-cão exibido no horário do almoço. Em breve, deverá ter uma atração nacional nas tardes. Será uma briga de pesos-pesados. Assim como Datena e Ratinho, Geraldo tem mais de 100 quilos.

ANEXO G – REPORTAGEM DA REVISTA VEJA: PESADELO INFANTIL

Televisão

PESADELO INFANTIL

Silvio Santos mancha seu currículo ao submeter Maisa, de 7 anos, a humilhações. O Ministério Público estuda puni-lo

No domingo passado, Silvio Santos manchou seu currículo e tornou-se responsável por um dos episódios mais lastimáveis da TV brasileira em muito tempo. O veterano comunicador deixou transtornada, levou às lágrimas e humilhou uma menina que mal completou 7 anos — Maisa Silva, uma das principais atrações do SBT. Faz algum tempo, Maisa tornou-se um chamariz de íbopos do *Programa Silvio Santos*. Quinze dias atrás, ela já havia chorado durante o show dominical quando um

garoto com maquiagem de monstro surgiu para lhe dar um susto. Maisa entrou em pânico e foi chamada de covarde pelo patrão (que, na verdade, recorreu a um termo chulo). Na semana passada, Silvio voltou a atormentar Maisa. A menina ficou desconcertada, chorou novamente e, ao correr para os braços da mãe, bateu a cabeça numa câmera. Enquanto ela urrava de dor, Silvio ria e a chamava de medrosa, em coro com o auditório. “Nenhum marido vai aturar você”, ele disse. Tudo em tom de brincadeira — mas brincadeira estúpida, de incrível mau gosto. Diante desse vexame, não é surpresa que o Ministério da Justiça e o Ministério Público Federal tenham posto o SBT e os pais de Maisa na mira.

Maisa ganhou fama no *Sábado Animado*, programa

em que tem liberdade para agir como quiser — o que acaba resultando em cenas impagáveis. No *Programa Silvio Santos*, ela reage às provocações do apresentador. Silvio — que por algum motivo obscuro insiste para que Maisa se vista como a atriz Shirley Temple se vestia nos anos 30 — começou com provocações leves antes de descambar para o sadismo da semana passada. “A crueldade a que Maisa foi exposta afronta o Estatuto da Criança e do Adolescente”, diz o procurador Pedro Antonio de Oliveira Machado, do Ministério Público Federal. Machado abriu um inquérito para apurar as responsabilidades do apresentador e dos pais dela, Celso e Gislaine Andrade. As penas podem ir de multas até a detenção de seis meses a dois anos. Também o Ministério da Justiça pode punir o SBT. Se Silvio Santos insistir em mostrar Maisa em situações degradantes, seu programa poderá ter a classificação indicativa alterada. Ele passaria a ser recomendado para maiores de 12 anos, o que tiraria Silvio das tardes, empurrando-o para a faixa das 8 da noite. ■

MARCELO MARTHE



SEM GRAÇA NENHUMA Maisa e Silvio: lágrimas e sadismo

178 | 27 DE MAIO, 2009 | veja

Revista Veja, 27/05/2009